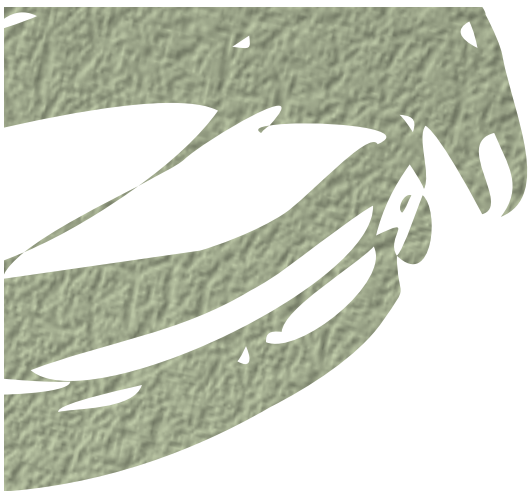




CADERNO INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

JUVENTUDES
INDÍGENAS
DO BAIXO
RIO NEGRO





FICHA TÉCNICA

Fundação Amazonas Sustentável

VIRILIO VIANA - Superintendente Geral

VITOR SALVIATI - Superintendente de Inovação e Desenvolvimento Institucional

LETICIA CORTELLAZZI GARCIA - Gerente do Programa de Soluções Inovadoras

MARIA AUXILIADORA CORDEIRO - Coordenadora da Agenda Indígena

ARTHUR LOSASSO GOERCK - Coordenador do Projeto Juventudes Indígenas da Amazônia

ODENILZE RAMOS - Mobilizadora de campo

Redação

NEUCILANE SILVA DE MORAES - Povo Kambeba

TAINARA DA COSTA CRUZ - Povo Kambeba

GEANE GARRIDO DA SILVA - Povo Baré

HELIJA PEREIRA NARCISO - Povo Baré

MARCELLO SILVA - Povo Tukano

ARTHUR LOSASSO GOERCK - Não indígena

ODENILZE RAMOS - Não indígena

Revisão

LAURA CANDELARIA DE MENDONÇA LIMA

LETICIA CORTELLAZZI GARCIA

MARIA AUXILIADORA CORDEIRO

Fotos

LARISSA MARTINS

LUIZ MAUDONNET

Apoio

JOÃO PAULO BARRETO

TURY SATERÉ

Projeto gráfico

FELIPE LOBO



CADERNO INDÍGENAS NA AMAZÔNIA

JUVENTUDES INDÍGENAS DO BAIXO RIO NEGRO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Caderno indígenas na Amazônia [livro eletrônico] :
juventudes indígenas do baixo Rio Negro /
[organização Virgílio Viana]. -- 1. ed. --
Manaus, AM : Fundação Amazonas Sustentável, 2020.
1 Mb ; PDF

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-990830-2-0

1. Índios - América do Sul - Brasil 2. Índios -
Direitos fundamentais 3. Jovens indígenas 4. Jovens
indígenas - Brasil - Condições sociais 5. Meio
ambiente 6. Povos indígenas - Amazônia 7. Povos
indígenas - Amazônia - Rio Negro I. Viana, Virgílio.

20-37798

CDD-980.41

Índices para catálogo sistemático:

1. Juventudes indígenas : Rio Negro : Amazônia :
Cultura 980.41

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

SUMÁRIO

ABERTURA	7
Fundação Amazonas Sustentável	8
Missão	8
Visão	8
Agenda Indígena.....	8
Parceiros	9
Povos Indígenas no Brasil.....	10
Direitos indígenas.....	11
Constituição Federal de 1988	12
Convenção nº 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais	13



1. JUVENTUDES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA: CULTURA, DIREITOS E ENGAJAMENTO//15

Como trabalhamos?	16
Foco em jovens	16
Encontros.....	16
Diversidade	16
Pesquisa.....	16
Troca entre gerações	16
Intercâmbio	16
Fortalecimento de referências culturais indígenas.....	17
Protagonismo feminino.....	17
Atividades realizadas	18
Atividade “Identidade indígena”	18
Atividade “Juventudes indígenas”	20
Atividade “Aldeia dos Sonhos”	21
Atividade “Histórias de Engajamento”	22
Atividade “Ajuri da Juventude”	23
Atividade “Desafios-pesquisa”	24
Atividade “Histórias na fogueira”	25
Atividade “Tradição e memória – Encontro com anciões”	26
Atividade “Ser indígena é ter direito!”	27
Atividade “Presidentes Indígenas”	28
Resultados	29



2. TRADIÇÃO E CULTURA//35

Por que é importante conhecer a cultura e a tradição?.....	36
Povos indígenas.....	37
Baré.....	38
Kambeba.....	39
Aldeias	40
Três Unidos	41
Nova Esperança	42
Terra Preta	43
Por que a língua indígena é importante para nós?.....	44
Dicionário Nhegatu	45
Dicionário Kambeba.....	46
Por que a natureza é importante para nós?.....	48
Indicadores naturais de clima e acontecimentos.....	50
Plantas medicinais	50
Por que a arte é importante para nós?.....	52
Grafismos Kambeba.....	52
Grafismos Nhegatu	52

3. JUVENTUDES INDÍGENAS//55

Identidade	56
União dos povos	59
Direitos	60
Educação e saúde.....	61
Terra e território	62
Bem viver e sonhos	63
ENCERRAMENTO	64
Agradecimentos.....	64







ABERTURA

Esse caderno tem a intenção de reconhecer a importância de jovens indígenas para suas aldeias, territórios, municípios, estados e o mundo. Escrito por indígenas em parceria com não indígenas, este caderno é um dos resultados do **Projeto Juventudes Indígenas da Amazônia: Cultura, Direitos e Engajamento**.

Esperamos que jovens indígenas possam se identificar com as percepções e experiências que tivemos sobre nossa identidade, inspirando todos e todas a se reconhecer e fortalecer como indígena.

Neste caderno mostramos que temos coragem e capacidade de estar na frente de discussões sobre o futuro de nossas aldeias e de nosso movimento. Queremos estar juntos com os mais velhos para fortalecer a luta por nossos direitos.

Queremos que este caderno sirva para alguns não indígenas entenderem que não somos o que eles pensam. Somos indígenas e temos autonomia para escolher o que queremos ser. Estamos cansados de velhos preconceitos sem profundidade. Convidamos os não indígenas a serem nossos parceiros em busca do bem viver.

Finalmente, queremos que todos saibam que sabemos usar a modernidade a nosso favor. As tecnologias e novidades podem vir para o bem, fortalecendo ainda mais nossa cultura.

Esse caderno é a prova disso.

Aproveitem!



FUNDAÇÃO AMAZONAS SUSTENTÁVEL

A Fundação Amazonas Sustentável (FAS) é uma organização da Amazônia sem fins lucrativos, sem vínculos político-partidários, de utilidade pública e beneficente de assistência social, que também reúne credenciais como instituição que promove o desenvolvimento regional por meio de ações de pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I).

A FAS atua em 16 Unidades de Conservação do estado do Amazonas e, em 2018, beneficiou 39.948 pessoas de 581 comunidades ribeirinhas e indígenas.

Missão

Contribuir para a conservação ambiental da Amazônia através da valorização da floresta em pé e sua biodiversidade e da melhoria da qualidade de vida das comunidades ribeirinhas e indígenas associada à implementação e disseminação do conhecimento sobre desenvolvimento sustentável.

Visão

Ser referência mundial em soluções para o desenvolvimento sustentável na Amazônia, por meio da valorização da floresta em pé e sua biodiversidade, do empoderamento comunitário e da ampliação e do fortalecimento de parcerias.

AGENDA INDÍGENA

Em 2018 a Fundação Amazonas Sustentável (FAS) consolidou a Agenda Indígena, resultado de diálogos com instituições e lideranças indígenas ao longo de dez anos.

Dentro do Programa de Soluções Inovadora (PSI), a agenda propõe ampliar o escopo da atuação da instituição com os povos indígenas que vivem em Unidades de Conservação e Terras Indígenas, implementando programas e projetos relacionados aos Planos de Vida Plena e Bem-viver dos Povos Indígenas da Bacia Amazônica.

O projeto “Juventudes Indígenas da Amazônia: Cultura, Direitos e Engajamento” é uma iniciativa da Agenda Indígena da FAS, que também conta com projetos de empreendedorismo, empoderamento feminino, saúde indígena, esporte, entre outros.

PARCEIROS

Financiador



Bradesco

Organizações indígenas parceiras:



Apoio



Cooperação Estratégica:

Secretaria do
Meio Ambiente



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO



SEDUC
Secretaria de Estado de Educação do Amazonas



POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

Para começarmos, é importante ter em mente algumas informações sobre os povos indígenas no Brasil. Segue abaixo alguns dados sobre os indígenas e suas conquistas¹.

- **896.917 indígenas de 305 povos diferentes** vivendo em todos os estados do país.
- São povos falantes de **275 línguas** diferentes, mas estas línguas estão em risco. Apenas 37,4% de indígenas no país falam alguma língua indígena, enquanto 82,5% falam português.
- De acordo com a FUNAI², existem 567 terras indígenas no país, que representam 117 milhões de hectares, isto é 12,5% do território nacional. A maior parte (63,8%) dos indígenas vivem nas chamadas áreas rurais do país, enquanto 36,2% vivem em áreas urbanas. No entanto, apenas 57,7% vivem em terras indígenas.
- O Amazonas é o estado com maior número de indígenas, 183.514 pessoas, que representam 20,5% de toda a população indígena do país.

É por todas estas pessoas e povos que este caderno existe.

1 Dados do Censo de 2010

2 Disponível em < <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas> >

DIREITOS INDÍGENAS

Os indígenas têm direitos.

Com uma história de luta e resistência, os povos indígenas no Brasil conseguiram ter seus direitos garantidos na **Constituição de Federal de 1988**, mais especificamente nos **artigos 231 e 232**.

Em um contexto internacional, a luta por direitos de povos indígenas resultou na elaboração de documentos internacionais que reconhecem seus direitos econômicos, sociais e culturais. Dentre tais documentos, o mais completo e abrangente é a **Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais**, que foi sancionada no Brasil pelo Projeto de Decreto Legislativo (PDL) nº 34/93.

Para recordarmos da existência de tais leis, apresentaremos a seguir os textos dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal e alguns artigos selecionados da Convenção nº 169 da OIT.

Vale lembrar que qualquer pessoa, instituição ou iniciativa que não respeite os artigos aqui citados está agindo de forma inconstitucional, e portanto, fora da lei. E que o Estado brasileiro tem a obrigação de se fazer cumprir tais leis.



CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

§ 1º São terras tradicionalmente ocupadas pelos índios as por eles habitadas em caráter permanente, as utilizadas para suas atividades produtivas, as imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários a seu bem-estar e as necessárias a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições.

§ 2º As terras tradicionalmente ocupadas pelos índios destinam-se a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes.

§ 3º O aproveitamento dos recursos hídricos, incluídos os potenciais energéticos, a pesquisa e a lavra das riquezas minerais em terras indígenas só podem ser efetivados com autorização do Congresso Nacional, ouvidas as comunidades afetadas, ficando-lhes assegurada participação nos resultados da lavra, na forma da lei.

§ 4º As terras de que trata este artigo são inalienáveis e indisponíveis, e os direitos sobre elas, imprescritíveis.

§ 5º É vedada a remoção dos grupos indígenas de suas terras, salvo, “ad referendum” do Congresso Nacional, em caso de catástrofe ou epidemia que ponha em risco sua população, ou no interesse da soberania do País, após deliberação do Congresso Nacional, garantido, em qualquer hipótese, o retorno imediato logo que cesse o risco.

§ 6º São nulos e extintos, não produzindo efeitos jurídicos, os atos que tenham por objeto a ocupação, o domínio e a posse das terras a que se refere este artigo, ou a exploração das riquezas naturais do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes, ressalvado relevante interesse público da União, segundo o que dispuser lei complementar, não gerando a nulidade e a extinção direito a indenização ou a ações contra a União, salvo, na forma da lei, quanto às benfeitorias derivadas da ocupação de boa fé.

§ 7º Não se aplica às terras indígenas o disposto no art. 174, § 3º e § 4º.

Art. 232. Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo.

CONVENÇÃO N° 169 DA OIT SOBRE POVOS INDÍGENAS E TRIBAIS

Artigo 2°

1. Os governos deverão assumir a responsabilidade de desenvolver, com a participação dos povos interessados, uma ação coordenada e sistemática com vistas a proteger os direitos desses povos e a garantir o respeito pela sua integridade.

Artigo 3°

1. Os povos indígenas e tribais deverão gozar plenamente dos direitos humanos e liberdades fundamentais, sem obstáculos nem discriminação. As disposições desta Convenção serão aplicadas sem discriminação aos homens e mulheres desses povos.

2. Não deverá ser empregada nenhuma forma de força ou de coerção que viole os direitos humanos e as liberdades fundamentais dos povos interessados, inclusive os direitos contidos na presente Convenção.

Artigo 7°

I. Os povos interessados deverão ter o direito de escolher suas, próprias prioridades no que diz respeito ao processo de desenvolvimento, na medida em que ele afete as suas vidas, crenças, instituições e bem-estar espiritual, bem como as terras que ocupam ou utilizam de alguma forma, e de controlar, na medida do possível, o seu próprio desenvolvimento econômico, social e cultural. Além disso, esses povos deverão participar da formulação, aplicação e avaliação dos planos e programas de desenvolvimento nacional e regional suscetíveis de afetá-los diretamente.

Artigo 25°

1. Os governos deverão zelar para que sejam colocados à disposição dos povos interessados serviços de saúde adequados ou proporcionar a esses povos os meios que lhes permitam organizar e prestar tais serviços sob a sua própria responsabilidade e controle, a fim de que possam gozar do nível máximo possível de saúde física e mental.

Artigo 26°

Deverão ser adotadas medidas para garantir aos membros dos povos interessados a possibilidade de adquirirem educação em todos os níveis, pelo menos em condições de igualdade com o restante da comunidade nacional.

Artigo 28°

1. Sempre que for viável, dever-se-á ensinar às crianças dos povos interessados a ler e escrever na sua própria língua indígena ou na língua mais comumente falada no grupo a que pertençam. Quando isso não for viável, as autoridades competentes deverão efetuar consultas com esses povos com vistas a se adotar medidas que permitam atingir esse objetivo.



CAPÍTULO 1

JUVENTUDES INDÍGENAS DA AMAZÔNIA: CULTURA, DIREITOS E ENGAJAMENTO

O projeto “Juventudes Indígenas da Amazônia: Cultura, Direitos e Engajamento” é fruto de uma demanda comum entre as aldeias indígenas da região do baixo Rio Negro: o fortalecimento da cultura indígena.

A partir de um mapeamento de demandas realizado em 2018 pela Fundação Amazonas Sustentável (FAS) junto às aldeias indígenas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Puranga da Conquista e da Área de Proteção Ambiental (APA) do Rio Negro, foi possível compreender que havia um processo de enfraquecimento das referências culturais indígenas em andamento. Jovens das aldeias já não queriam se identificar como indígenas, já não sabiam falar a língua de seu povo e já não tinham interesse na tradição e na memória dos anciões e anciãs e anciãs

Havia também uma possibilidade de fragilização no processo de desenvolvimento das aldeias, isto porque grande parte dos jovens e das jovens da região não tinham interesse em continuar vivendo nas aldeias. A vida em comunidade já não fazia mais parte de seus planos de vida. Os sonhos da maior parte destes jovens e destas jovens estava ligado a uma vida urbana, com pouca ou sem relação com seu território e sua cultura original.

Além disso, era evidente a ausência de informações sobre direitos e políticas públicas para povos indígenas na região. Por mais que grande parte dos jovens e das jovens tivessem o Registro Administrativo Nacional Indígena (RANI), eram poucos que tinham clareza do que significava este documento e quais eram os direitos constitucionais destinados a eles.

A necessidade de um projeto que trabalhasse o fortalecimento da identidade cultural, o engajamento e os direitos indígenas foi apresentado como prioridade.

Para atender tal necessidade, foi desenvolvido o projeto “Juventudes Indígenas da Amazônia: Cultura, Direitos e Engajamento”. Em um processo de co-criação entre lideranças indígenas, jovens indígenas e equipe da Fundação Amazonas Sustentável, foi estruturado um projeto que buscasse contribuir para a solução de tais desafios.

Os resultados desta história você encontra neste caderno.

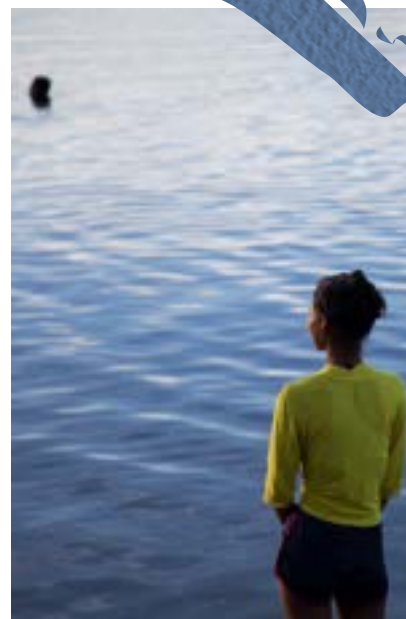
COMO TRABALHAMOS?

Foco em jovens

Jovens são um grupo de trabalho estratégico para manutenção da cultura indígena e para o fortalecimento da luta por direitos. Por isso, o projeto teve os jovens e as jovens indígenas como foco de suas atividades.

Encontros

Entendemos que a melhor maneira de trabalhar com as juventudes é promovendo encontros. São nestes momentos que os jovens e as jovens têm oportunidade de se conhecer, trocar experiências, criar e aprofundar laços e iniciar processos de transformação pessoais e de suas realidades.



Diversidade

Trabalhar com jovens significa ter em mente a ideia de juventudes, no plural. Desta forma, reconhecemos a diversidade de possibilidades de ser jovem. No contexto dos povos indígenas é ainda mais importante considerar ter em mente a diversidade de povos e culturas que está subjacente ao termo indígena.



Pesquisa

A pesquisa é instrumento fundamental na busca por conhecimentos locais. Por isso, estimulamos os jovens e as jovens a pesquisar e aprender sobre as histórias e tradições de seus povos junto aos anciãos e às anciãs.

Troca entre gerações

O trabalho junto às juventudes deve ser feito levando em consideração as relações com outras gerações. A criação de espaços de troca entre jovens e anciões é importante para aproximar estes grupos e proporcionar o fortalecimento da cultura e da luta por direitos.

Intercâmbio

É na relação de alteridade que grande parte do aprendizado acontece. O outro nos oferece a possibilidade de aprender sobre nós mesmo e vice-versa. Por isso, a ideia de intercâmbio é central para proporcionar novas experiências, sensações e conhecimentos aos jovens e às jovens.





Fortalecimento de referências culturais indígenas

Entendemos que as culturas estão em processo constante de transformação interna e comunicação externa. Buscar a condição cultural original indígena pressupõe uma ideia essencialista de identidade que não compartilhamos. Desta forma, não acreditamos que fortalecer a cultura indígena seja buscar um “ambiente cultural original indígena”. Isto não existe. Buscamos, isso sim, fortalecer as referências culturais indígenas para tornar o processo de relação com as referências externas mais equilibrado, para que se possa incorporar os elementos que vem de fora e somar ao que já se tinha. Acreditamos e trabalhamos pela “indigenização da modernidade”.



Protagonismo feminino

As mulheres jovens vivenciam um momento de fortalecimento de seu papel na sociedade. Nas aldeias indígenas não é diferente. As jovens se apresentam como grupo de maior potencial para realizar transformações nas aldeias e por isso são protagonistas neste projeto.

1º Encontro das Juventudes Indígenas do baixo Rio Negro
// Identidade cultural indígena

2º Encontro das Juventudes Indígenas do baixo Rio Negro
// Bem Viver, Sonhos e Engajamento

3º Encontro das Juventudes Indígenas do baixo Rio Negro
// Direitos e políticas públicas indígenas

Intercâmbio para Alto Rio Negro – São Gabriel da Cachoeira



ATIVIDADES REALIZADAS

Ao longo de todo o projeto foram realizadas diversas atividades junto a jovens, lideranças e anciãos das aldeias indígenas envolvidas no projeto “Juventudes Indígenas da Amazônia: Cultura, Direitos e Engajamento”. Foi a partir destas atividades que grande parte dos textos, das reflexões e conclusões contidas neste caderno foram realizadas, comprovando sua potência transformadora.

Esperamos que todos que desejam desenvolver atividades junto à jovens indígenas possam usar tais atividades como referência para promover o fortalecimento dos povos indígenas na Amazônia e no Brasil.

Atividade “Identidade indígena”

OBJETIVO: Refletir sobre a identidade cultural indígena; criar espaço seguro para jovens falarem como se sentem sendo indígena; fortalecer repertório de reflexões e argumentação sobre ser indígena.

MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, papel madeira, lápis, caneta hidrográfica ponta grossa, caneta esferográfica

DESCRIÇÃO: O facilitador deve lançar a pergunta “o que é ser indígena?” ao grupo, pedindo que cada um reflita e responda esta pergunta individualmente em 5 minutos. É importante deixar o espaço livre para os jovens e as jovens escreverem, desenharem ou simplesmente pensarem na resposta.

Em seguida, deve-se pedir aos participantes para se juntarem em duplas e contarem as respostas uns aos outros durante 5 minutos. Neste momento é importante que o facilitador reforce a ideia da escuta sensível.

Depois o facilitador deve convidar os participantes a se dividirem em grupos de 5 a 8 pessoas para juntos começarem a construir uma resposta a pergunta. Neste momento é importante disponibilizar cartolina, papel madeira,

canetas, e lápis para que os jovens e as jovens possam se expressar da maneira que quiserem. Esta etapa deve durar 20 minutos.

Uma vez que os grupos tiverem construído suas respostas, é hora de convidar anfitriões para se juntarem aos grupos. Os anfitriões podem ser anciões, professores e lideranças, que terão o papel de provocar o grupo a aprofundar suas reflexões sobre identidade indígena, trazendo perguntas sobre as respostas que o grupo construiu anteriormente. Esta etapa deve durar 30 minutos e ao final os grupos devem se preparar para apresentar ao grupo suas respostas e reflexões sobre o que é ser indígena.

É importante que os anfitriões não tragam respostas prontas às perguntas, mas sim tentem refletir juntamente aos participantes sobre a identidade e a cultura indígena. Finalmente, os jovens e as jovens de cada grupo devem apresentar suas respostas à pergunta “o que é ser indígena?”. Ao final de cada apresentação deixe um tempo reservado para perguntas e comentários dos outros grupos.

Ao final da atividade, deixe as respostas dos jovens e das jovens expostas em algum local do ambiente para que todos possam contemplar o que o grupo agora entende sobre o que é ser indígena.



"Ser indígena é valorizar nossa cultura. É ser livre, ter orgulho, conhecer a língua materna e ter uma identidade. É ser organizado, ocupar os espaços políticos e saber lutar pelos nossos direitos"

- Construção coletiva / Grupo 1

"Ser indígena é não se deixar intimidar. É saber que as leis estão com a gente. É ter no coração a certeza de que sou indígena onde estiver. Está em nosso sangue e corpo. É ter autonomia, é se autoafirmar, é ter orgulho de lutar pelos direitos e repassar a cultura. É valorizar os antepassados, as raízes, manter a língua, as atividades e a cultura. É aprender cada dia, como utilizar as ferramentas da modernidade a nosso favor. É filtrar o que é bom e o que é ruim que vem de fora."

- Construção coletiva / Grupo 3

"Ser indígena é mostrar quem somos onde estivermos. É saber de onde viemos e valorizar o que somos. É ser guerreiro e saber lidar com preconceitos. É preservar a cultura, a dança, comida, a história e manter as atividades tradicionais. É respeitar a floresta, a natureza e seus guardiões. É conhecer nossos direitos e ser feliz"

- Construção coletiva / Grupo 2

Ser indígena é se reconhecer e se valorizar. Não precisamos estar de cara pintada para ser indígena. Podemos nos adaptar ao que vem de fora. Podemos nos adaptar ao que vem de fora a nosso favor. Nada disso nos faz menos indígenas. Podemos ter perdido muito de nossa tradição, mas podemos nos reinventar sempre. É necessário a gente se expressar e entender que é possível criar nosso espaço sem precisar ofender o diferente"

- Construção coletiva / Grupo 4

Atividade “Juventudes indígenas”

OBJETIVO: Refletir sobre a juventude como elemento da identidade; Criar espaço de manifestação e representação artística do que é ser jovem; Vincular a identidade jovem à identidade indígena

MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, papel madeira, lápis, caneta hidrográfica ponta grossa, caneta esferográfica

DESCRIÇÃO: O facilitador deve começar a atividade lançando a pergunta “O que é ser jovem?” ao grupo.

Em seguida, divida o grande grupo em subgrupos de 5 a 8 pessoas e peça para que cada subgrupo crie uma apresentação artística de até 5 minutos sobre o que é ser jovem. Pode ser teatro, desenho, dança, música, poesia ou qualquer outra forma de expressão que represente o que é ser jovem. Cada subgrupo deve ter 45 minutos para criar sua apresentação.

Quando os subgrupos estiverem prontos, peça para que cada um deles faça sua apresentação. Ao final de cada apresentação, crie espaço para que aconteçam comentários e perguntas dos jovens e das jovens dos outros subgrupos.

Ao final das apresentações, convide todos para uma roda de conversa para refletir juntos sobre a pergunta “o que é ser jovem indígena?”. Ao longo da conversa, vá colhendo em uma cartolina ou papel madeira as respostas que o grupo apresentar. A intenção é que o grupo possa construir junto a ideia do que é ser jovem indígena.

Vale reforçar que ser jovem não exclui a identidade indígena. Pelo contrário, ser jovem indígena cria a oportunidade de ressignificar o que é ser indígena atualmente.





Atividade “Aldeia dos Sonhos”

OBJETIVO: Estimular jovens a sonhar com suas aldeias; debater sobre os elementos trazidos pelos e pelas jovens em suas aldeias dos sonhos; conectar o conceito de bem-viver aos sonhos dos jovens; relacionar o bem-viver e o desenvolvimento sustentável

MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, papel madeira, lápis, caneta hidrográfica ponta grossa, caneta esferográfica

DESCRIÇÃO: O facilitador deve iniciar a atividade convidando os jovens e as jovens a sonhar com suas aldeias no futuro. Primeiro individualmente, os jovens e as jovens devem ser estimulados com perguntas que permitam a visualização de suas aldeias dos sonhos, como por exemplo: “como é essa aldeia?”, “o que tem lá?”, “como as pessoas vivem?”, “como é a escola?”, “como é a floresta?”, entre outras.

Após 5-10 minutos, o facilitador deve convidar os jovens e as jovens a se unirem em duplas e apresentarem um para o outro como é sua aldeia dos sonhos.

Depois de mais 5-10 minutos, o facilitador deve então pedir aos jovens e às jovens para se reunirem em subgrupos divididos por aldeia. Neste momento, o facilitador deve convidar cada grupo a desenhar suas aldeias dos sonhos em 40 minutos, com elementos de todos e todas participantes do grupo. Para isso deve haver conversas entre os participantes e trocas dos sonhos de cada um com os demais.

Em seguida, o facilitador pode convidar o grupo para se reunir em uma roda de conversa. Neste momento, o facilitador deve explicar o que é o Bem-Viver Indígena. Após a explicação, o facilitador deve pedir aos subgrupos que se reúnam novamente para apresentar suas aldeias dos sonhos a partir da pergunta: “Qual a relação entre nossa aldeia dos sonhos e o Bem-Viver?”

Finalmente, cada subgrupo terá 5 minutos sua apresentação. Ao final de cada apresentação deixe um tempo reservado para perguntas e comentários dos outros grupos.



Atividade “Histórias de Engajamento”

OBJETIVO: Apresentar histórias de engajamento a jovens indígenas; demonstrar a importância da organização social para a conquista de direitos dos povos indígenas; criar momento de conexão entre anciões e jovens; proporcionar espaço para que jovens admirem e ouçam os anciões de suas aldeias

MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, papel madeira, lápis, caneta hidrográfica ponta grossa, caneta esferográfica

DESCRIÇÃO: O facilitador deve organizar esta atividade com antecedência.

Primeiro, converse com os anciões e os convide para contar alguma história sobre as conquistas sociais que ocorreram na aldeia e no movimento indígena. Pode ser sobre como a escola chegou até ali, sobre como a energia foi conquistada, sobre como o poço artesiano foi feito, sobre como o serviço de saúde indígena passou a existir, entre outras possibilidades. Peça para que os anciões se preparem para contar esta história a um grupo de jovens, enfatizando a importância da organização social neste processo.

Uma vez que os anciões estiverem avisados, é hora de fazer a atividade acontecer.

Divida os jovens e as jovens na mesma quantidade de anciões disponíveis para conversar. Desta forma, cada ancião participante da atividade será responsável por anfitriar um subgrupo. Peça aos jovens e às jovens que façam perguntas e anotem o que mais impressionou das histórias contadas pelos anciões. Garanta que os subgrupos fiquem juntos por pelo menos 30 minutos.

Em seguida, peça para o grupo se reunir em uma roda de conversa e convide todos a compartilhar o que mais impressionou nas histórias de engajamento. Se possível, faça a colheita do que os jovens e as jovens falarem em uma cartolina.

Atividade “Ajuri da Juventude”

OBJETIVO: Levantar possibilidades de como os jovens e as jovens podem contribuir com suas aldeias; estimular a realização de um projeto por parte dos e das jovens

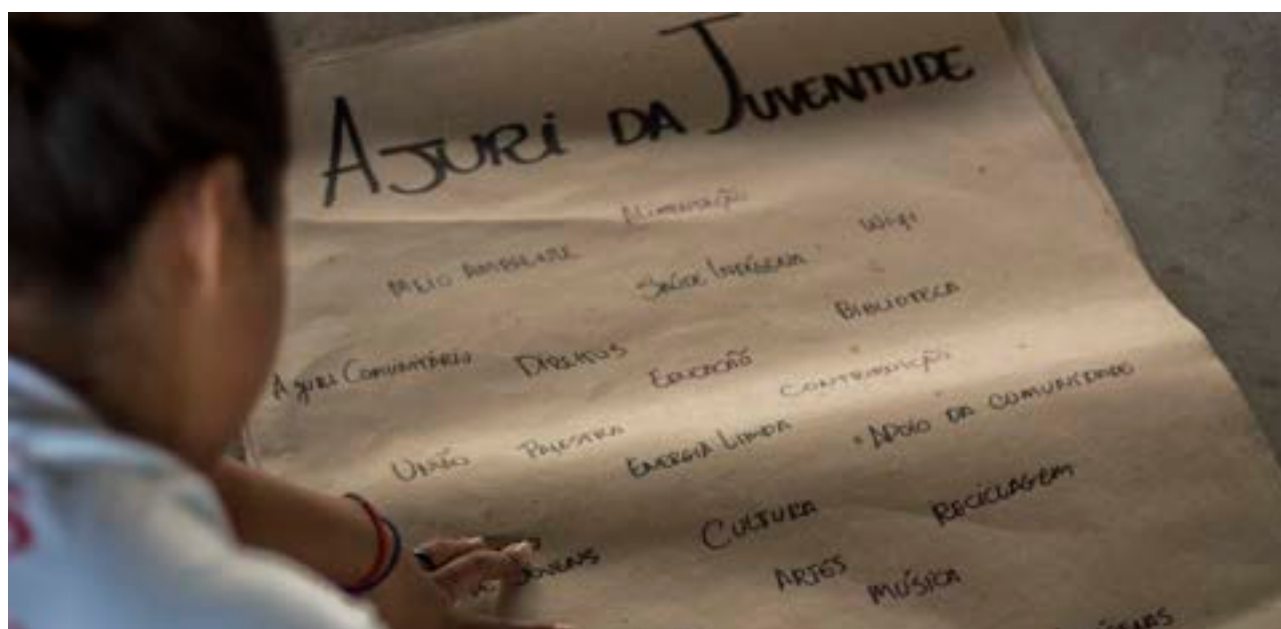
MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, papel madeira, lápis, caneta hidrográfica ponta grossa, caneta esferográfica

DESCRIÇÃO: O facilitador deve apresentar a atividade propondo uma atitude aberta e sem julgamentos a nenhuma ideia. Peça aos jovens que pensem sobre o que eles e elas gostariam de contribuir em suas aldeias. O ideal é que este momento seja dinâmico e enquanto os(as) jovens vão falando palavras e temas, o facilitador escreva em uma cartolina. Todas as possibilidades levantadas devem ser anotadas. O facilitador deve estimular os e as jovens a falarem suas ideias durante toda a atividade.

Com todas as possibilidades levantadas e anotadas, convide os jovens a olhar a cartolina por alguns minutos. Em seguida, peça aos jovens para eleger um ou dois temas como prioridade. Finalmente, desafie os jovens e as jovens a elaborar um projeto que contribua com suas aldeias a partir dos temas prioritários escolhidos. Entregue um modelo de projeto para os jovens e as jovens preencherem com suas ideias para o projeto.

O que é o projeto?	
Por que o projeto é importante?	
Onde o projeto será implementado?	
Para quem o projeto é destinado?	
Quando o projeto será realizado?	
Como o projeto será feito? Quais atividades serão realizadas?	
Quais recursos serão necessários para realizar o projeto?	
Quem são os possíveis parceiros?	

Em seguida, convide os jovens e as jovens para apresentar seus projetos. Finalmente, estimule os grupos a colocar os projetos em prática.





Atividade “Desafios-pesquisa”

OBJETIVOS: Estimular a pesquisa das culturas indígenas entre os jovens e as jovens; colher e registrar histórias dos povos indígenas; disseminar o conhecimento sobre as culturas indígenas

MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, folhas de papel, caneta

DESCRIÇÃO: Previamente, o facilitador da atividade deve preparar as cartolinas com a descrição dos desafios que serão propostos aos jovens e às jovens. A sugestão é que sejam 4 desafios.

- **História:** Escrever um texto sobre a história da aldeia e escrever um texto sobre a história do povo indígena que você pertence
- **Língua:** Mapear as pessoas da aldeia que falam a língua indígena fluentemente. Elaborar um dicionário da língua indígena para o português
- **Natureza:** Mapear os conhecedores do clima da aldeia e identificar os indicadores naturais do clima. Elaborar uma lista das plantas medicinais e seus usos.
- **Arte:** Reproduzir todos os grafismos de seu povo com o significado de cada um.

Convide os jovens e as jovens a se juntarem. Quando o grupo estiver reunido, peça para que o grupo se divida em subgrupos. Preferencialmente, as pessoas que participarem dos subgrupos devem ser do mesmo povo indígena.

Com isso, apresente os desafios aos jovens e peça para que pesquisem em sua aldeia junto aos anciãos e anciãs.

Para melhor aproveitamento desta atividade, os participantes devem ter até uma semana para entregar todos os desafios.

Com a entrega dos desafios, peça para que cada grupo apresente suas pesquisas.

Essa atividade proporcionará muito material para trabalhar a tradição e memória dos povos indígenas. Vale destacar que esta atividade pode ser feita para pesquisar outras coisas relacionadas aos povos indígenas.



Atividade “Histórias na fogueira”

OBJETIVOS: Criar momento de troca entre jovens e anciões; compartilhar histórias dos povos indígenas

MATERIAIS SUGERIDOS: Madeira, bancos

DESCRIÇÃO: Antes de realizar a atividade convide os anciões da aldeia para participar, eles são os protagonistas deste momento. Peça para que eles se preparem para contar histórias de antigamente e também de encantorias da floresta, como curupira, cobra grande, caboclinho, boto e outros mais.

Em seguida, organize os materiais necessários para fazer uma fogueira. Tome cuidado para fazê-la em um lugar seguro, longe de outras árvores. Deixe o espaço bem acolhedor para todos sentarem e ouvirem uma boa história.

Com tudo organizado, convide os jovens e as jovens para participar da roda. Não se esqueça que este é um momento dos anciões, então deixe que eles liderem a roda de histórias.



Atividade “Tradição e memória - Encontro com anciões”

OBJETIVOS: Criar momento de troca entre jovens e anciões; compartilhar histórias dos povos indígenas

MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, papel madeira, lápis, caneta hidrográfica ponta grossa, caneta esferográfica

DESCRIÇÃO: Combine a realização desta atividade previamente com os anciãos e anciãs da aldeia. Peça a eles e elas que se preparem para contar histórias sobre o passado, sobre como era a vida antigamente para os indígenas e principalmente, sobre as tradições dos povos.

Em seguida, reúna os jovens divida-os em subgrupos. O número de subgrupos deve ser o mesmo do número de anciões que participarão da atividade. Desta forma, cada subgrupo ficará com um ancião ao longo da atividade.

Com os subgrupos estabelecidos, convide os jovens e as jovens a fazerem perguntas aos mais velhos e peça para cada um registrar o que mais chamou a atenção nas histórias contadas.

Após 30 minutos de conversa, convide todos de volta. Disponibilize uma cartolina por subgrupo e peça para que cada um crie uma manifestação artística que represente a conversa que acabaram de ter.

Deixe o tempo necessário para apresentar e não esqueça de agradecer os anciões participantes.

"Temos direito a nossas terras, a nossos territórios. Nós indígenas entendemos a terra muito diferente do que os não indígenas entendem. É nosso território, é nossa vida. É onde nos alimentamos, nos curamos, criamos nossos filhos. Não vemos a terra com nosso olho. Por isso temos direito a nossos territórios para nos expressarmos e vivermos. Não sou eu que to falando, tá na Constituição."

"Temos direito a educação diferenciada, uma educação intercultural. A escola foi muito tempo lugar onde deixamos de aprender sobre nossa cultura, onde só aprendemos a cultura do branco. Nem mais nossa língua sabemos falar. É um dos motivos é a educação que sempre negou nossos conhecimentos indígenas." Por isso, agora temos direito a uma educação que nos fortaleça como indígenas."

"A saúde diferenciada é um direito nosso, um dos mais importantes que temos. Temos direito a nos organizar, a nos expressar, a falar nossa língua, a viver em nossas terras. Temos direito de ser livres, podemos escolher nosso destino e conhecer sobre nosso passado."



Atividade "Ser indígena é ter direito!"

OBJETIVOS: Apresentar direitos indígenas aos jovens; conectar jovens e adultos que já conhecem e trabalham pelos direitos indígenas

MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, papel madeira, lápis, caneta hidrográfica ponta grossa, caneta esferográfica

DESCRIÇÃO: Comece esta atividade apresentando os artigos 231 e 232 da Constituição Federal de 1988. Explique novamente o que é a Constituição e sua importância. Leia atentamente cada ponto dos artigos e convide todos a refletir sobre o texto. É interessante ir comentando cada ponto para não gerar confusões por sua escrita jurídica. Deixe sempre o espaço aberto para perguntas e possíveis dúvidas que aparecerem ao longo da leitura.

Em seguida, organize os jovens em 5 subgrupos. Cada subgrupo deverá encontrar alguém na aldeia para conversar sobre algum direito presente nos artigos 231 e 232. Por exemplo, pode-se encontrar um professor para falar sobre educação, o cacique para falar sobre direito à terra e à organização, o pajé para falar sobre direito às tradições, entre outros.

No retorno, peça para cada subgrupo comentar sobre os principais pontos da conversa.

Atividade “Presidentes Indígenas”

OBJETIVOS: Apresentar políticas públicas indigenistas aos jovens; refletir sobre propostas de políticas públicas elaboradas pelos próprios indígenas

MATERIAIS SUGERIDOS: Cartolina, papel madeira, lápis, caneta hidrográfica ponta grossa, caneta esferográfica

DESCRIÇÃO: Para começar, converse com os e as profissionais das políticas públicas para povos indígenas que atuam na sua aldeia ou com pessoas que estão envolvidas com esta temática. Pode ser professor da escola indígena, agente de saúde indígena, cacique ou ancião que costuma frequentar reuniões do movimento indígena. Peça a eles se prepararem para anfitriar um grupo de jovens e conversar sobre as políticas públicas para povos indígenas.

Divida o grupo de jovens em subgrupos e os distribua de acordo com o número de anfitriões que você conseguir convidar. Dê 30 minutos para cada subgrupo conversar sobre as respectivas políticas públicas.

Após essa conversa, diga que cada subgrupo agora terá a oportunidade de virar presidente durante 30 minutos. Neste tempo, peça para cada um criar uma política pública para os povos indígenas que seja ideal. Cada subgrupo terá um tema específico: saúde, educação, terras, assistência social, etc.

Ao final, cada grupo deverá apresentar sua ideia para todos.



“Como presidente eu ia garantir que a demarcação das terras indígenas acontecesse no Brasil. Ia criar um programa específico para combater as invasões, o garimpo e o desmatamento dentro de terras indígenas. Ia fazer de tudo para garantir o bem-viver dos povos indígenas.”



RESULTADOS

51
Jovens
indígenas

70%
Mulheres

30%
Homens

15
Anciões
parceiros

7 Povos indígenas Baré, Kambeba, Tukano, Munduruku, Tuyuka, Sateré-Mawé, Apurinã

5 Aldeias indígenas Cipiá, Dessana, Terra Preta, Três Unidos, Kuanã, Nova Esperança

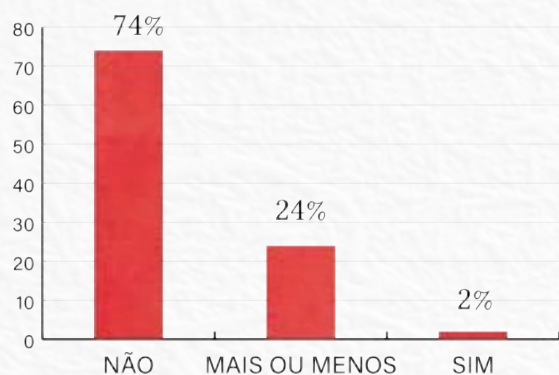
2 Unidades de conservação RDS Puranga da Conquista
APA do Rio Negro

COMO VOCÊ SE SENTE SOBRE SER INDÍGENA?



GRÁFICO 1
Você conhece o bem viver?

ANTES



DEPOIS

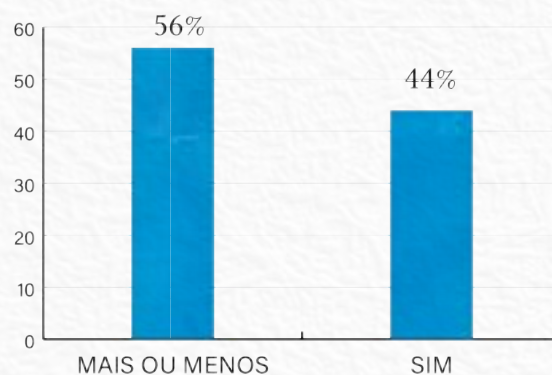
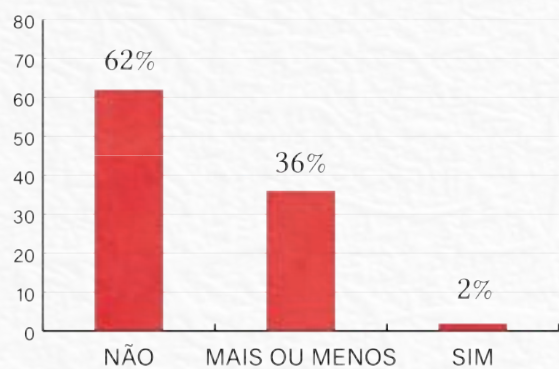


GRÁFICO 2
Você conhece os direitos e políticas públicas para indígenas?

ANTES



DEPOIS

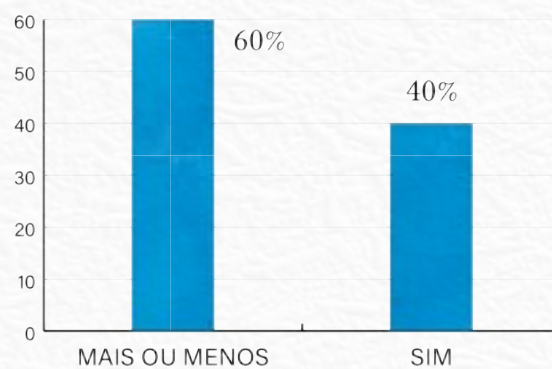
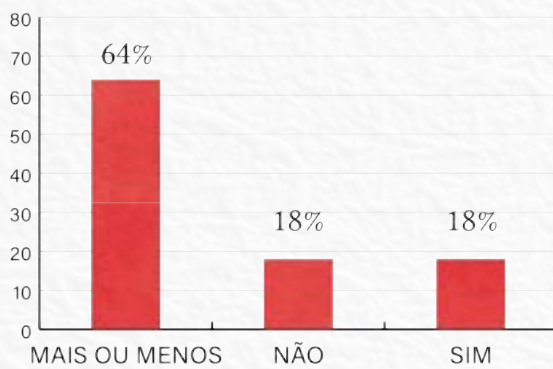




GRÁFICO 3

Você conhece a história e tradição do seu povo?

ANTES



DEPOIS

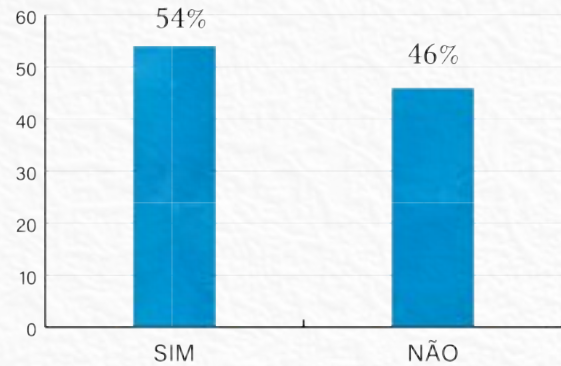
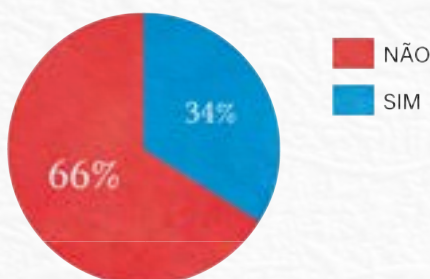


GRÁFICO 4

Você já realizou alguma ação de melhoria de sua aldeia?

ANTES



DEPOIS

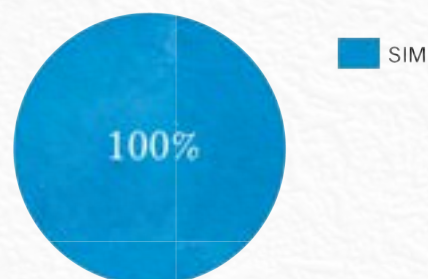
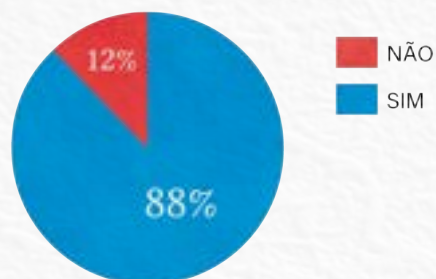


GRÁFICO 5

Você já participou de reuniões em sua aldeia?

ANTES



DEPOIS

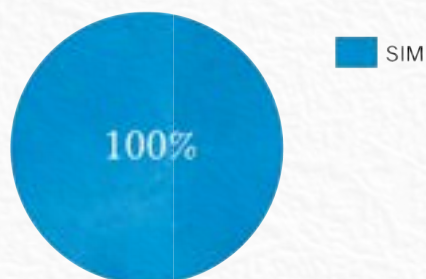
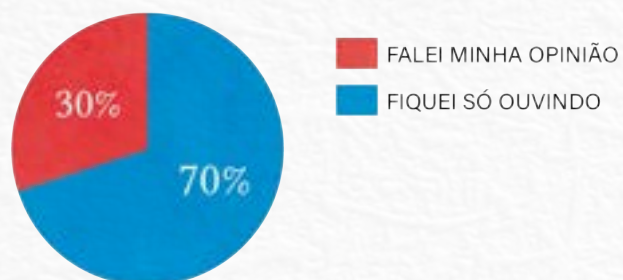


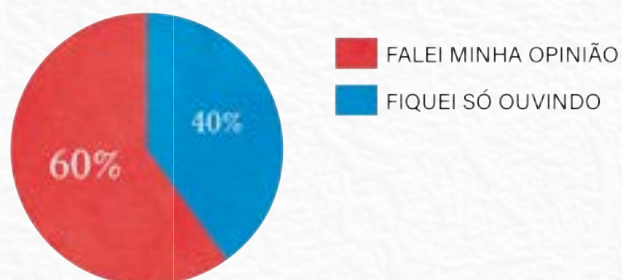
GRÁFICO 6

Qual foi seu papel na reunião?

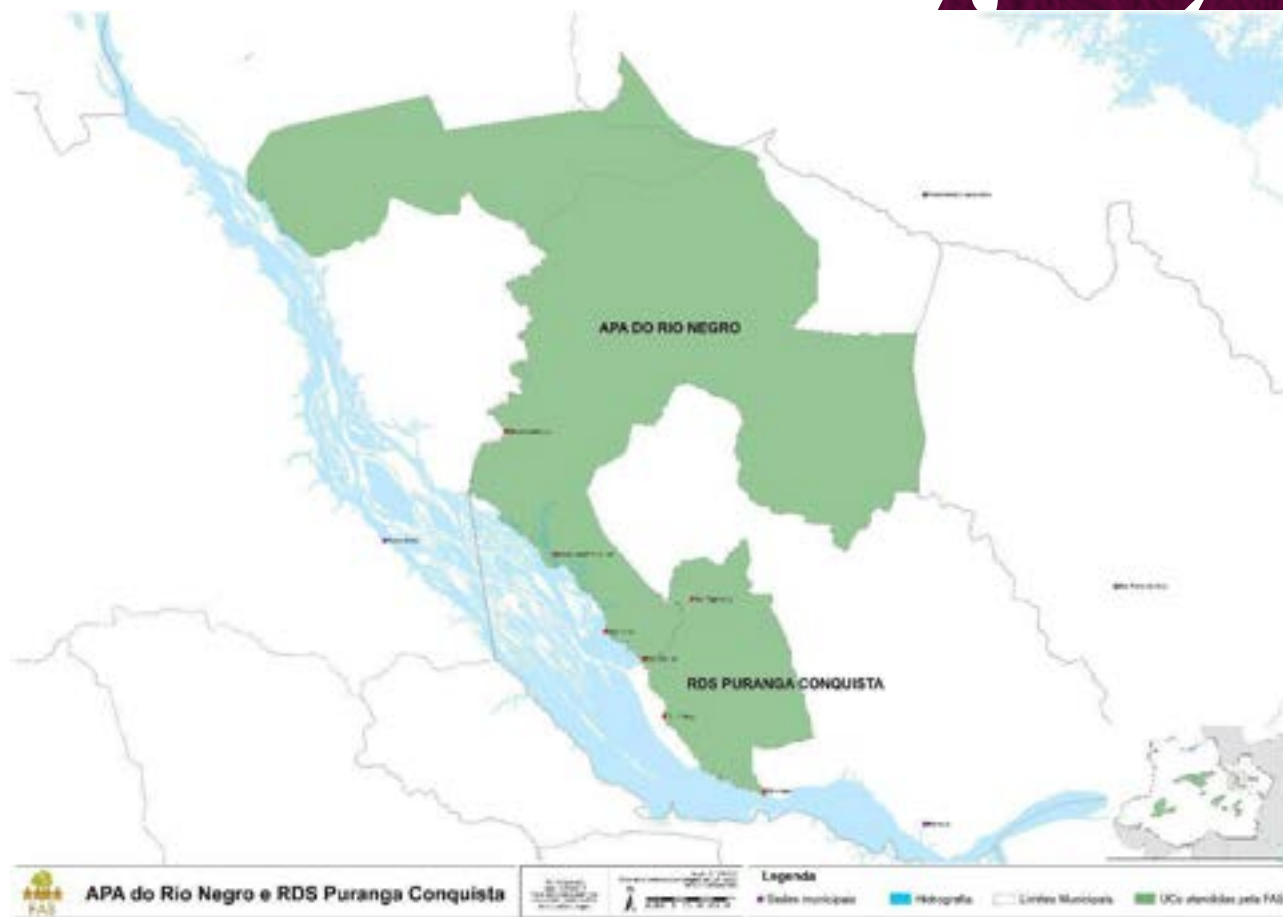
ANTES

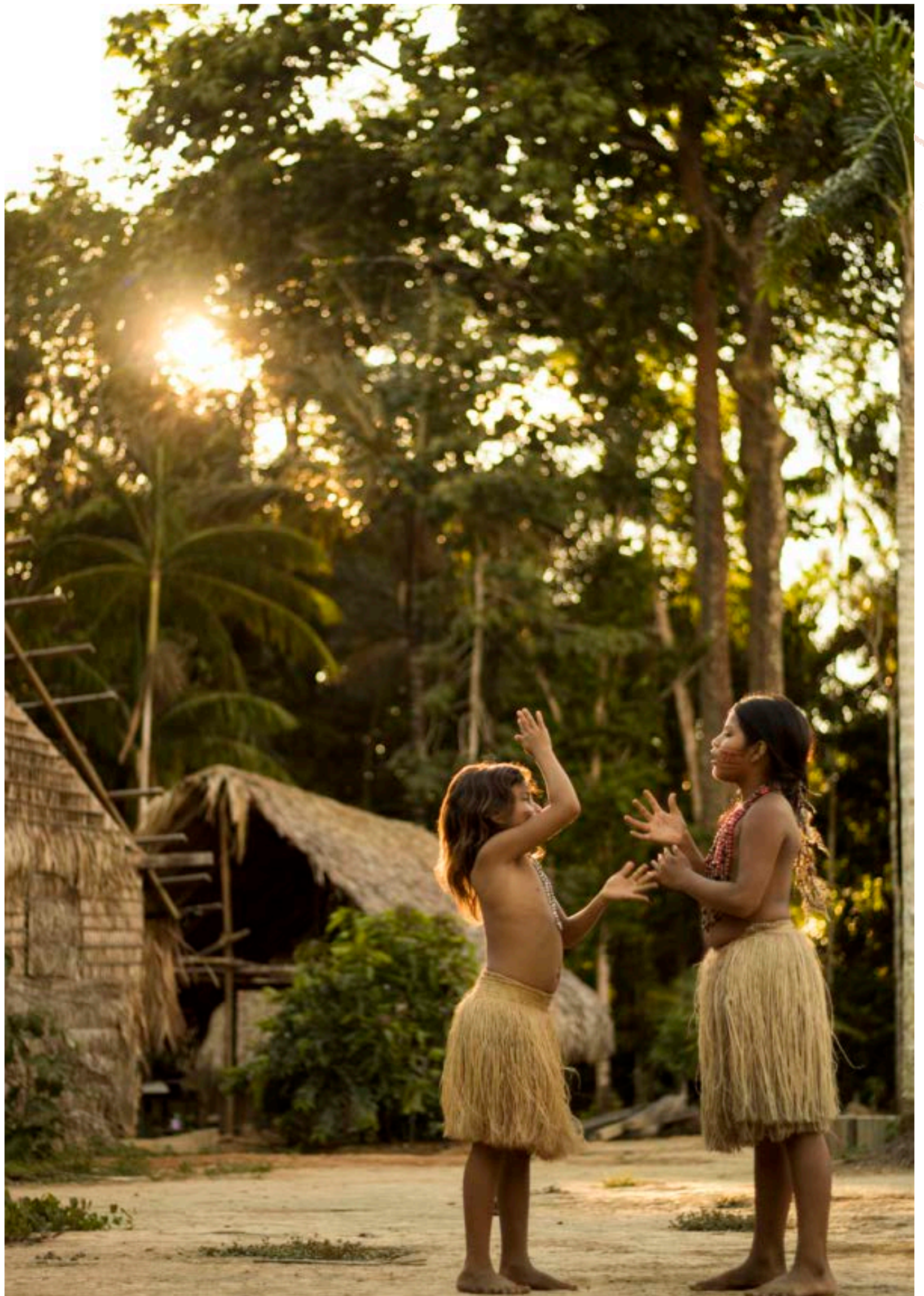


DEPOIS



MAPAS







CAPÍTULO 2

TRADIÇÃO E CULTURA

Os textos a seguir dizem respeito à três aldeias: Três Unidos, Terra Preta e Nova Esperança, e dois povos indígenas presentes na região do baixo Rio Negro: os Baré e os Kambeba. Escolhemos focar nestas aldeias e nestes povos por terem sido as sedes e os anfitriões dos encontros de jovens indígenas, que possibilitaram os espaços de pesquisa e reflexões necessários para elaborarmos os textos a seguir.

Este capítulo tem a intenção de aprofundar sobre a importância da tradição e cultura dos povos indígenas. Os textos são fruto de pesquisas sobre as histórias das aldeias e dos povos, sobre as línguas, sobre a relação com a natureza e com a arte.

Queremos mostrar a importância de ouvir e contar histórias, de nos aproximarmos dos mais velhos para saber mais sobre nossos territórios e nossos povos.

Sabemos que cada vez mais os jovens e as jovens indígenas não se importam com estas coisas. Isso nos preocupa muito. Como podemos saber quem somos se não sabemos nossas tradições e nossas histórias?

Que este capítulo possa motivar todos os jovens e as jovens indígenas a entender mais sobre a cultura e a tradição de seus povos.





POR QUE É IMPORTANTE CONHECER A CULTURA E A TRADIÇÃO?

É fundamental saber de onde viemos, conhecer a tradição de nosso povo e valorizar nossas raízes. Só assim conseguimos nos identificar como indígenas e honrar nossas origens e modos de vida, sem ter vergonha de ser quem somos. É nossa cultura que nos faz ser indígenas.

Devemos sempre relembrar quem somos e de onde viemos. Se hoje existimos, é porque nossos parentes lutaram para garantir que nós pudéssemos viver a cultura dos nossos povos. Conhecer as dificuldades que nossos ancestrais passaram nos dá força para continuar a luta por nossos direitos.

Saber sobre nossa tradição e cultura nos dá autonomia para contar nossas próprias histórias. Nos reconhecemos como indígenas, mas sabemos que somos povos diferentes, com histórias diferentes e línguas diferentes. Mesmo assim nos respeitamos e estamos unidos.

Sabemos que não podemos deixar de lado nossas tradições. É importante conhecer a cultura, a arte, as crenças, os hábitos para poder continuar praticando o bem viver.

Hoje enfrentamos desafios para manter a tradição viva, mas precisamos sempre valorizar nossa identidade, repassando nossos conhecimentos às gerações mais novas. Somos nós jovens que vamos seguir fortalecendo nossas culturas. Somos nós o presente e o futuro da nossa aldeia.

Povos indígenas

Queremos apresentar a todos as histórias de nossos povos, os **Baré** e os **Kambeba**.

As histórias aqui descritas foram contadas pelos nossos caciques e pelas anciãs de nossas aldeias, que puderam nos repassar tais conhecimentos em momentos muito importante para nós, embaixo de árvores e ao redor da fogueira.

Essas são apenas algumas das histórias de nossos povos, mas que significam muito para nós, pois com elas podemos entender como chegamos até aqui hoje.



Baré

Antigamente, ainda no início do mundo, entrou no Rio Negro um navio com muitas pessoas em seu interior. Todos estavam acompanhados e apenas um homem estava sozinho. Esse homem não foi aceito no navio e por isso ele se jogou no rio e nadou.

Ao chegar na beira do rio ele foi encontrado por um grupo de mulheres guerreiras que tinham costume de aceitar só mulheres em seu grupo. Essas mulheres, quando tinham necessidades de ter filhos, aprisionavam homens de outras tribos e faziam filhos com eles. Se nascesse uma mulher, as guerreiras criavam. Se nascesse um homem, o matavam.

As mulheres guerreiras decidiram poupar a vida do homem que estava na beira e o deram o nome de Mira-Bóia. As guerreiras tomaram a seguinte decisão: Mira-Bóia tinha que ter filhos com cada uma delas.

Mira-Bóia fez filhos com cada uma delas, até encontrar Tipa, a última mulher guerreira, que era linda. Mira-Bóia e Tipa se apaixonaram e fugiram.

O tempo passou e a família de Mira-Bóia e Tipa estava ficando grande demais e seus filhos já estavam brigando porque não havia mulheres para todos se casarem.

Então Mira-Bóia e Tipa falaram com Tupana, que mandou seu mensageiro Poronominaré para ajudá-los. Ele ensinou tudo sobre como fazer canoas, remos, roças, como caçar e pescar. Ensinou também sobre a festa e os significados



da Dabakuri, Adabe e Kariamã. Poronominaré assim organizou uma grande festa e ordenou a todos que voltassem a terra de Tipa e tomassem todas as mulheres guerreiras que ainda podiam ter filhos como esposas. “Desse jeito vocês serão grandes, numerosos e chamados Baré Mira”, disse Poronominaré.

Foi assim que o povo Baré nasceu. Hoje os Baré estão em todas as regiões do Rio Negro.

Os Omagua que hoje são chamados de Kambeba foram um dos maiores e mais importantes povos que moravam nas terras de várzea do Amazonas. Muitos viajantes europeus que passavam por aqui antigamente ficavam espantados com o tamanho das aldeias e das plantações que os Omagua tinham.

Kambeba

Os Omaguas plantavam alimentos de muitos tipos. A mandioca e o milho eram a base da alimentação, mas também plantavam banana, macaxeira, batata doce, amendoim, feijão, abacaxi, entre outras frutas. Cultivavam também tabaco, urucum, cabaça e algodão.

O algodão era usado para fazer roupas, que eram elogiadas pela beleza do tecido e pelas cores da pintura. Os Omagua se vestiam muito bem e ainda faziam roupas para trocar por produtos com outros povos da região. Quem fiava, tecia e pintava os tecidos eram as mulheres.

No tempo de cheia os Omagua não plantavam porque suas terras ficavam alagadas, mas não faltava comida porque sempre tiveram técnicas de conservar alimentos, por exemplo, fazendo farinha, beiju, enterrando a macaxeira na lama. Também costumavam pegar tartarugas e tracajás que criavam presos para comer na época da cheia.

As casas eram enfileiradas na margem do rio, costumavam ser grandes e retangulares, com portas do lado e telhados de palmeiras. Eram diferentes das casas de outros povos, porque os Omagua construíam paredes feitas de tábuas de madeira especialmente o cedro.

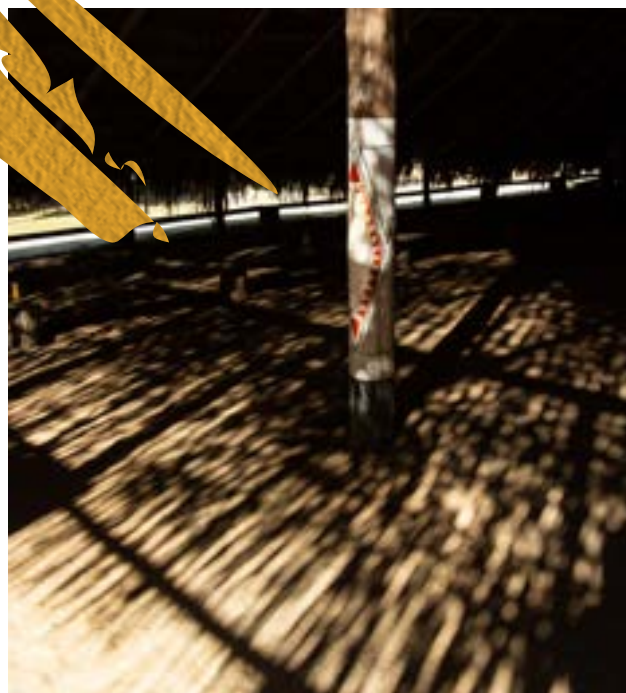
O território dos Omagua era muito grande, com mais ou menos 700 quilômetros de comprimento ao longo do rio. Antigamente a terra desse povo começava lá no Peru e ia até onde hoje é São Paulo de Olivença, no alto rio Solimões. A partir do ano de 1600 os Omagua começaram a descer o rio sentido médio Solimões.

É difícil dizer quantos Omagua existiam aqui, mas dizem que em no ano de 1500 eram mais de 400 aldeias e cada aldeia tinha de 700 a 3000 pessoas.



Os Omagua mangavam³ dos povos da terra firme. Para se diferenciar dos povos da terra firme, os Omagua achatavam a cabeça. Eles faziam isso quando a criança era ainda muito pequena. Amarravam uma pequena prancha ou um trançado de junco com um pouco de algodão na testa dos bebês para não machucar. Depois a criança era colocada dentro de uma pequena canoa que servia de berço. Deste modo, a cabeça ia ficando achatada devagarinho. Esse costume era valorizado e para os Omagua assim é que era bonito. Por causa deste costume é que os Omagua passaram a ser chamados de Kambeba. Esse nome veio da língua geral canga-peba que significa Cabeça Chata.

³ *Mangavam* é uma expressão local que quer dizer debochar, zombar



ALDEIAS

Buscamos aprender sobre a história de nossas aldeias como forma de conhecer ainda mais nossas raízes. Pesquisamos com os anciões e anciãs das aldeias, aqueles e aquelas que ainda se lembram de antigamente, para saber como foi o crescimento de nossas aldeias até aqui.

Descobrimos muitas coisas novas, conhecemos parentes que nunca tínhamos ouvido falar e agora sabemos do passado de nossas aldeias. Não foram poucos os esforços de todos nossos antepassados para que nossas aldeias pudessem ter tudo que tem hoje.

Abaixo vocês apresentaremos um pouco mais sobre a história das aldeias Três Unidos, Terra Preta e Nova Esperança.

TRÊS UNIDOS



Aldeia Três Unidos

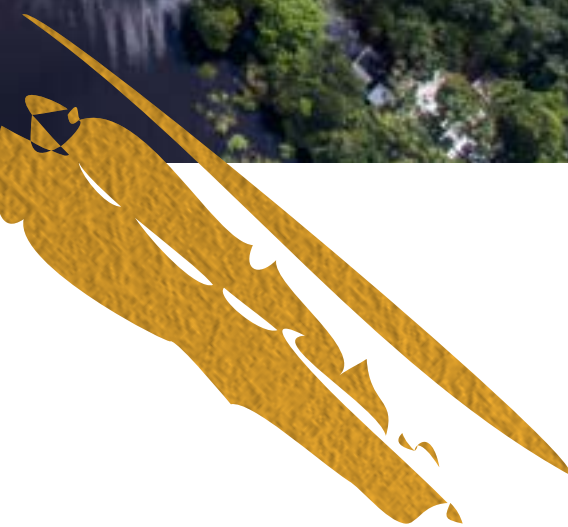
Nossa aldeia foi formada em 1991. Antes, nós Kambebas, morávamos todos no médio rio Solimões.

Tudo começou quando Seu Waldomiro, antigo tuxaua do Igarapé Grande, adoeceu. Por conta da doença, ele teve que ir para Manaus, onde ficou alguns meses se cuidando junto com sua esposa, Dona Diamantina.

Durante a estadia em Manaus, o Paulo, sobrinho de Seu Waldomiro, foi visitar a família e disse que existia um terreno no rio Cuieiras disponível para morar e que eles podiam ir para lá. Assim que Seu Waldomiro ficou bom, ele e sua família foram para este terreno. Isso foi em novembro de 1991.

Assim foi o começo da aldeia Três Unidos. Diz que na região tinha muito peixe e bicho de casco.

Primeiro, quem morava aqui era seu Carvalho e sua família. Aí viemos pra cá, nossa família, Seu Waldomiro, Dona Diamantina, Seu Valdemir e Dona Babá e os cinco filhos, Seu Domingos e Dona Teca e seus filhos. Limpamos a frente e



levantamos um tapiri. Já começamos a capinar para fazer roça.

Nesse tempo começou a chegar turista por aqui, toda semana apareciam alguns. Daí nós começamos a fazer todo tipo de colar e anel pra vender para eles.

Em 1994 a escola aqui da aldeia foi construída com ajuda da comunidade toda. Quando os filhos foram casando a aldeia aumentou. Passou de três famílias para doze e agora tem vinte e duas famílias.

Em 1997 a comunidade se reuniu e decidimos que aqui seria a nossa terra e que nós queríamos ficar morando aqui mesmo. A partir daí, Seu Valdemir procurou a FUNAI para começar a demarcar a área para os Kambebas.

NOVA ESPERANÇA



Aldeia Nova Esperança

A Aldeia Nova Esperança foi fundada em 1996, mas sua história tem início no final dos anos 1980. Seu Jonas e dona Hugulina, dois Barés que vieram da ilha da Maricota, localizada no município de Santa Isabel do Rio Negro, vieram a convite de parentes para residir na área do rio Cuieiras, no município de Manaus. Eles vieram em busca de um lugar onde fosse fácil o acesso à saúde, educação e maior apoio de órgãos públicos.

Logo em seguida, o senhor José Pancrácio, sua esposa dona Sônia, seus três filhos, e mais doze pessoas vieram conhecer a área e acabaram ficando para morar. Nessa época eles ainda não estavam na área que seria futuramente a aldeia Nova Esperança.

A vida não era fácil quando chegaram pra cá. O principal meio de subsistência era a extração e venda de madeira. Nessa busca cotidiana pela alimento e pela sobrevivência, os moradores foram adentrando o Rio Cuieiras.

Um dia enquanto pescavam encontraram um terreno com uma casa de madeira onde moravam um casal, seu Getúlio e dona Domitila,

ambos também Barés. Seu Getúlio era militar aposentado e dona Domitila era professora aposentada. Seu José Pancrácio então relatou sua situação para o dono daquelas terras e pediu para construir sua casa e criar seus filhos ali. E assim foi feito.

Seu Getúlio observou que as crianças estavam sem estudar e resolveu por conta própria montar uma escola dentro de sua casa. Neste tempo a escola ainda não era indígena. Após um tempo, seu Getúlio conseguiu que a escola fosse assumida pela Secretaria de Educação do município de Novo Airão e só posteriormente ela veio a ser incorporada à Secretaria Municipal de Educação de Manaus. Apenas em 2014 a escola foi reconhecida como escola indígena, passando a ensinar tanto o português quanto o nyengatu.

Nesses vinte e dois anos de existência, a aldeia cresceu. Das doze pessoas que acompanharam o seu Pancrácio e sua família para fixar moradia na região em 1996 a aldeia hoje conta com cento e dezessete pessoas divididos em trinta e sete famílias indígenas Barés. Há também três famílias de não indígenas, que convivem conosco tranquilamente.

TERRA PRETA



Aldeia Terra Preta

O primeiro patriarca da aldeia Terra Preta, o senhor Cassiano Bruno, do povo Baré, nasceu 15 de junho de 1933 no Rio Cubate, município de São Gabriel da Cachoeira, assim como sua esposa Maria Sebastiana Conceição Vieira.

No ano de 1956 o senhor Cassiano Bruno veio de São Gabriel da Cachoeira para o município de Manaus em busca de melhorias. No mesmo ano ele chegou no igarapé Mucura, próximo do local onde hoje é a aldeia Terra Preta.

Em 1974 faleceu sua esposa e o senhor Cassiano ficou com sua filha Edina Bruno morando na região.

No ano de 1975 o senhor Cassiano Bruno começou a trabalhar com um japonês que era dono de uma plantação de verduras que ficava na margem esquerda do Rio Negro. Ele então passou a morar neste sítio, que viria a ser a aldeia Terra Preta.

Em 1977 o senhor Cassiano retornou para sua comunidade Vila Nova em São Gabriel da Cachoeira para visitar sua família. Depois de 44 anos longe, ele contou a todos sobre sua vida e trabalho no município de Manaus. Depois de três meses em sua comunidade natal ele retornou para seu sítio e continuou trabalhando lá.

Em 1980 o japonês chamou o senhor Cassiano para conversar e disse que não ia mais trabalhar na plantação de verduras e ia voltar para sua cidade. O japonês então deu o terreno para Cassiano trabalhar e construir sua casa. No mesmo ano Cassiano voltou para sua comunidade e contou para sua família que agora ele tinha um terreno apropriado para morar e construir casas.

Em 1985 começou a surgir a aldeia Terra Preta. Com sete famílias que vieram de São Gabriel da Cachoeira, eles começaram a construir suas casas. Uma das pessoas que veio neste momento foi o senhor Felipe

Aleixo, que ainda vive na aldeia e foi quem nos contou esta história.

O primeiro nome da aldeia foi Boa Esperança, mas depois decidiram mudar e ela foi oficializada como Terra Preta. Nessa época a comunidade era menor. A presidência era feita por eleição na aldeia e o primeiro presidente a ser eleito foi o senhor Felipe Aleixo.

O principal meio de trabalho na comunidade era cortar lenha e vender para uma agência de Manaus. Depois apareceu outro meio de trabalho que até hoje gera renda para a aldeia, o artesanato.

A aldeia Terra Preta começou a receber turistas e foi por meio das agências de turismo que a aldeia Terra Preta ficou conhecida.

A divulgação da aldeia ajudou muito com que ela se desenvolvesse e houve muitas mudanças. Alguns parentes que viviam em São Gabriel foram se mudando para a aldeia e ela foi crescendo e vivendo em paz e união. Outros presidentes foram entrando e saindo, todos ajudando a comunidade a se desenvolver.

Atualmente o presidente se chama Rafael Aleixo e o vice Clodoaldo Aleixo. Na aldeia Terra Preta existem trinta e três famílias e cinco povos indígenas: Baré, Werenka, Tukano, Baniwa e Juripaku. É uma comunidade evangélica e possui uma escola onde é ensinado tanto português quanto nyengatu.

Hoje é uma aldeia desenvolvida e organizada, mas ainda esperamos mais coisas boas. Possuímos várias fontes de renda, temos luz 24h, temos água que nunca falta. Somos reconhecidos e temos nossos direitos como indígenas.

Somos muitos felizes por ter primeiramente um Deus ao nosso lado e segundo por ter a união na nossa comunidade.



Por que a língua indígena é importante para nós?

A língua indígena tem um papel central em nossas culturas porque é através dela que são transmitidas as tradições, as histórias e os modos de vida para as novas gerações. A língua não é apenas um instrumento de comunicação para os povos, ela é o que dá sustentação para nossa cultura.

A língua é uma das principais formas de nos identificarmos. Ser indígena é ter uma forma própria de falar, uma língua e um modo de vida. É por meio da língua que podemos ter uma relação mais próxima com nosso próprio povo, com nossos parentes e nossas tradições.

Infelizmente muitas línguas foram extintas e outras foram proibidas de serem faladas durante muito tempo. Em alguns lugares os mais jovens já não sabem mais falar quase nada de suas línguas. Por isso, não podemos deixar elas de lado. Não podemos esquecer. Temos que valorizar cada vez mais nossas línguas maternas.

Para isso, é importante ter professores e professoras indígenas em nossas próprias escolas indígenas que nos ensinem tanto a língua indígena quanto o português. Mas sabemos que esse ensinamento não deve existir só dentro da escola. Desde criança já temos que ir aprendendo nossa língua em casa, com nossos pais e avós.

E não basta aprender a falar a língua apenas quando somos criança. Os jovens não podem parar de falar, nem devem sentir vergonha de expressar sua cultura. Todos os indígenas têm a responsabilidade de aprender a língua e repassar às futuras gerações. Só assim não vamos deixar nossas línguas morrerem.

Aqui você pode encontrar um dicionário com algumas palavras em nossas línguas, que selecionamos junto a nossos parentes. Quem sabe assim, se você vier nos visitar, pode falar com a gente na nossa língua. Ou pelo menos passar a saber que existem muitas línguas sendo faladas no Brasil além do português.

DICIONÁRIO

NYENGATU

NYENGATU	PORTUGUÊS
ANIMAIS	
Yawarate	Onça
Sapukaya	Galinha
Tapira	Anta
Suasu	Veado
Yawara	Cachorro
Pixana	Gato
Wiramiri	Passarinho
Wirawasu	Gavião
Pira	Peixe
Yakaré	Jacaré
Buya	Cobra
Panapana	Borboleta
SAUDAÇÕES	
Yanekuema	Bom dia
Yanekaruna	Boa tarde
Yanepituna	Boa noite
PESSOAS	
Mira	Gente
Apiga	Homem
Kuyã	Mulher
Kurumi (~ ultimo i)	Menino
Kuyãtãi	Menina
NATUREZA	
Paranã	Rio
Kaá	Mato
Putira	Flor
Kurasí	Sol
Yasí	Lua
Amana	Chuva
Wasáí	Açai

FERRAMENTAS TRADICIONAIS	
Igara	Canoa
Apukuitá	Remo
PARTES DO CORPO	
Awa	Cabelo
Sesá	Olho
Tii	Olho (~ ultimo i)
Yuru	Boca
Apeku	Língua
Kãbi	Peito
Marika	Barriga
Yuwa	Braço
Pu	Mão
Wera	Cocha
Pi	Pé
Puãpé	Unha
PRONOMES PESSOAIS	
Muraki	Cabelo
Ixe	Eu
Ídé	Você
Aé	Ele
P`eye	Vocês
DIAS DA SEMANA	
Murakipi	Segunda feira
Murakimuk`ui	Terça feira
Murakimusapiri	Quarta feira
Supapa	Quinta-feira
Yukuaku	Sexta feira
Sauru	Sábado
Mituu	Domingo

DICIONÁRIO

KAMBEBA

KAMBEBA	PORTUGUÊS
ANIMAIS	
Atauari	Galinha
Missi	Gato
Kuxi	Porco
Uaka	Vaca
Tiabaka	Anta
Iauarapwana	Ariranha
ANIMAIS	
Mana-tua	Avó
Papa-tua	Avô
Ukui	Cunhada
Aiumã	Cunhado
Uaina-kuira	Filha
Memuera	Filho
Iximari	Genro
Kuniã	Irmã
Wawa	Neném
Mamã	Mãe
SAUDAÇÕES	
Katuxisi	Bom dia
Kateruka	Boa tarde
Katuitunipi	Boa noite
PRONOMES PESSOAIS	
Ai	Eu
Ta	Meu
Inê	Você
Ura	Ele
Rana	Ela
Enu	Teu
Ena	Tua
Tana	Nos
Tanu	Nosso
Tana	Nossa

PRONOMES PESSOAIS	
Ai	Eu
Ta	Meu
Inê	Você
PALAVRAS QUE INDICAM TEMPO	
Ikumi	Agora
Kamutuni	Amanhã
Ikuati	Ontem
Amakousé	Ante ontem
Imimiuá	Antigamente
Ikum	Hoje
Aui	Já
Xipa	Quando
PALAVRAS QUE INDICAM LUGAR	
Ianueata	Ao lado
Ikue	Aqui
Ikuie-aka	Vem aqui
Araua	Atrás
Uiipi	Em baixo
Ariua	Em cima
Iuka	Lá
Ikue-aka	Na frente
NÚMEROS	
Uipi	Um
Mukcikuia	Dois
Muçapirika	Três
Iuaka	Quatro
Pitika	Cinco
Kanxe	Seis
Sueti	Sete
Oiti	Oito
Noebe	Nove
Tiunga	Dez



NÚMEROS	
Puxiku	Amarelo
Sue-Kuera	Azul
Tini	Branco
Suni	Preto
Sukuera	Verde
Petan	Vermelho
PARTES DO CORPO	
Seiuka	Barriga
Iura	Boca
Irua	Braço
Sisasi	Olho
Nami	Orelha
Tim	Nariz
Aki	Cabeça
Inha	Coração
Kanuara	Osso

LUGARES	
Kirama	Aldeia
Kuara	Caminho
Ruka	Casa
Huaka	Céu
Tama	Cidade
Igarapi	Igarapé
Kuatiar	Igreja
Uni-Kuira	Fonte
Ipaçu	Lago
Iamana	Mato
LUGARES	
Uni	Água
Urupu	Urubu
Uruma	Pato
Umauari	Mangueira
Upari	Sardinha
Uaraku	Aracu (peixe)
Wi	Farinha
Wew	Papagaio



Por que a natureza é importante para nós?

Nós indígenas somos filhos da natureza. A natureza é o nosso mundo.

Sem terra e território não somos ninguém. Se acabarem com a natureza não temos para onde ir. Somos nós quem mais sofremos com as mudanças climáticas e nos parece que ninguém se preocupa tanto quanto nós.

Os povos indígenas veem a natureza como uma mãe. É nela que construímos nossos lares e nossa história. É nela que trabalhamos com agricultura, pesca, caça e coleta de frutas.

A natureza é uma inspiração grandiosa: plantamos e colhemos nossos alimentos, extraímos nossos remédios para saúde e bem-estar e criamos nossas artes e grafismos.

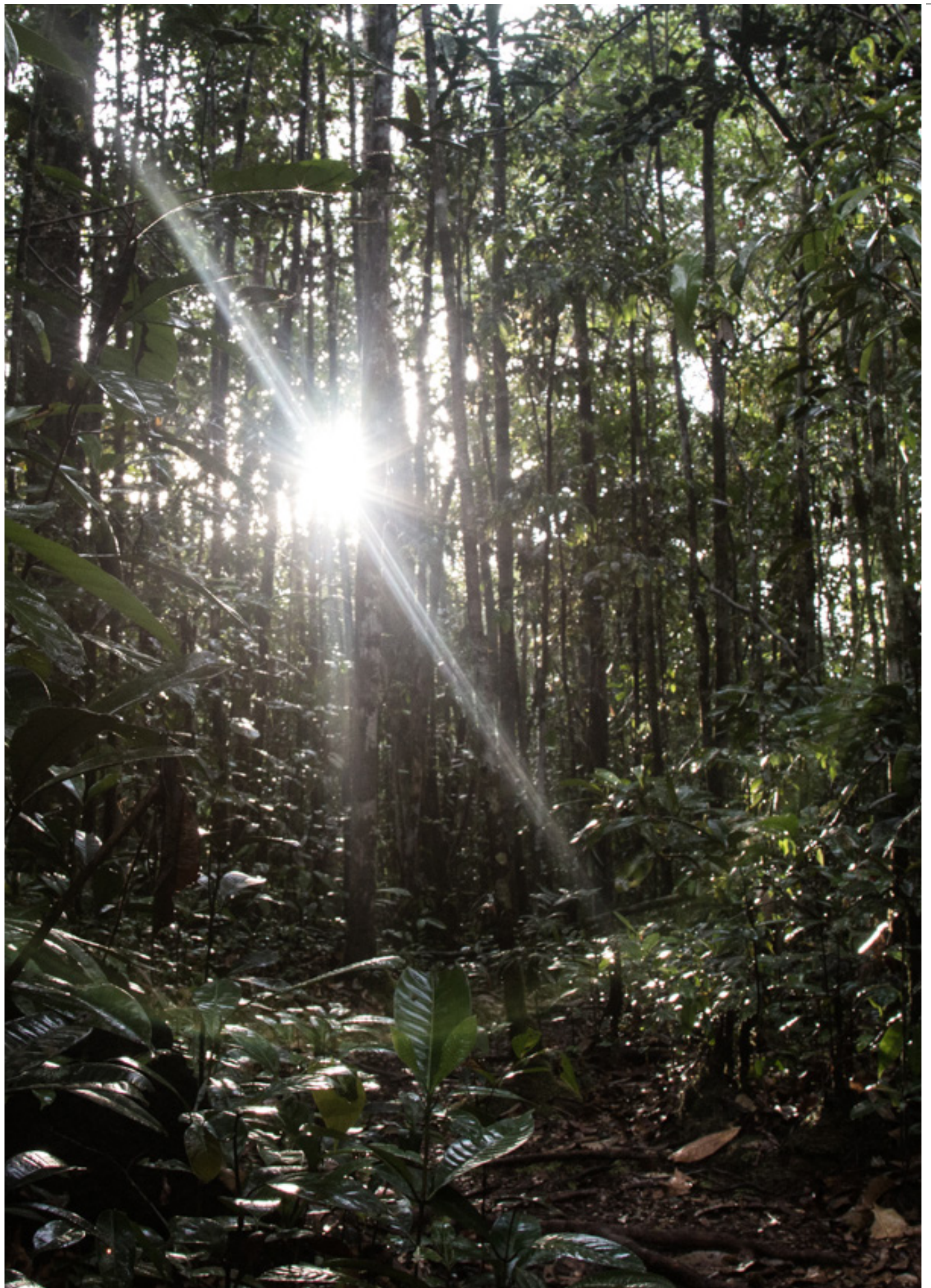
E fazemos isso sem desmatamento. A natureza sempre foi e sempre será bem tratada pelos povos indígenas. Nós indígenas cuidamos da nossa natureza, cuidamos do que é nosso. Somos os principais responsáveis por manter a floresta em pé.

Onde nós vivemos tem vida.

Temos uma relação muito próxima com a natureza. Nossos antepassados conheciam seus ritmos, sabiam se ia chover e se a colheita seria boa apenas de ver alguns indicadores naturais. Procuramos em nossas aldeias quem ainda soubesse sobre esses indicadores e escrevemos aqui os que nos foi autorizado.

Procuramos também aprender mais sobre as plantas da floresta que nos curam há muitos anos. Desde sempre, muito antes de existir remédios de farmácia, nossos antepassados já usavam as plantas da floresta para nos curar. Mas este conhecimento está se perdendo e são poucos os jovens e as jovens que sabem usar as plantas para curar doenças e dores.

Por isso pesquisamos junto aos anciões e anciãs de nossas aldeias sobre os usos de algumas plantas medicinais. Cada aldeia tem seus usos e por isso, separamos a sessão abaixo de acordo com nossas aldeias. O que descobrimos você pode ver abaixo.



Indicadores naturais de clima e acontecimentos

CORUJA QUANDO CHORA: morte

CORUJA QUANDO CANTA: acontecimento ruim

GUARIBA, PAPAGAIO E TUCANO: quando vai chover

MIRAPURU: planta e pássaro: atrai alguma coisa

O DIA ENSOLARADO: os galos e galinhas sobem cedo pra dormir

A LUA ESCURA: chuva

A LUA CLARO: sol

Plantas medicinais

NOVA ESPERANÇA

BABOSA: para catarro no peito;

CASCA DE LARANJA: para dor de estômago

BOLDO: para dor de estômago;

PEGA E NÃO ME LARGA: para arrumar namorado;

HORTELÃ: para cólicas de bebês recém nascido;

MANGARATAIA: para garganta inflamada e tosse;

VASSOURINHA: para rezar em crianças e cobrelo;

CARAPANAÚBA: para inflamação no útero e regular a menstruação;

CASCA DE AZEITONEIRA: para diarreia;

CASCA DE CAJUEIRO: para sarar feridas e diarreia;

CIPÓ-ALHO: para banho de crianças doentes

MUCURA CAÁ: para banho de crianças doentes;

COIRAMA: para inchaço e machucado;

LACRE PARA: impinge;

LIMÃO COM ALHO: para gripe;

FOLHA DE ABACATE E RAIZ DE AÇAÍ: para anemia.

TERRA PRETA

LÍNGUA DE PIRARUCU: tosse e gripe

MANGARATAIA OU GENGIBRE: dores em geral

CASCA DE CUMANDAR: ferrada de arraia

CARAJU-REI: anemia

BABOSA: cabelo e ferida

CAPIM SANTO: pressão alta

FOLHA DE GOIABA: diarreia

VASSOURINHA: dor

TRÊS UNIDOS

ABACATEIRO: diurético, anti-anêmico, para inflamação dos rins, para inchaço em gestantes, hemorróida, tônico geral, queda de cabelo, dores reumáticas;

ABACAXI: ajuda a mulher no parto;

AÇAÍ: Anemia, malária, fígado, rins, hepatite;

ALGODÃO ROXO: inchaço nas pernas, gripe, tosse, cirrose e hepatite b, regularizador do ciclo menstrual e cólica menstrual, dor de barriga de criança;

ALHO: gripe, catarro no peito, impotência sexual, pressão alta, picada de escorpião, furada de prego;

AMAPÁ: tosse, gripe, inflamação, fortalecer o pulmão;

AMOR CRESCIDO: fígado, inflamação, dor de barriga, seborréia, feridas

ANDIROBA: cicatrização de feridas gripe

ARRUDA: hemorragia do resguardo doença de criança açafrao inflamação na garganta digestivos problema de fígado produção de bile vesícula preguiços

BABOSA: queimadura aumentar o volume do cabelo

BANANA: diarreia e sapinho

BOLDO: fígado, digestão, úlcera, cólica em geral e melhora a gripe

CAJU: cicatriza ferimentos diarreia anti inflamatório doenças emblema ferida

CAPIM SANTO: hipertensão arterial e queda de cabelo

CARAMBOLA: diabetes colesterol

CARAPANAÚBA: gastrite, anticoncepcional, diabetes, digestão, febre, inflamações geral interiores e úlceras

CATINGA DE MULATA: alivia dores de parto, dor de ouvido, perfume ao corpo e o cabelo

CEBOLA: gripe

CHICÓRIA: auxilia na eliminação de placenta, febre e dor na barriga

CIPÓ ALHO: gripe e dores de cabeça

CIPÓ TUÍRA: bom para o fígado; anemia e hepatite inflamação

COPAÍBA: dor de dente, feridas, tosse

CORAMA: ferimentos, queimadura, tosse, asma, bronquite, gastrite, úlcera, inflamação em geral, anemia, micose, inflamação uterina, cicatrizante de feridas, e úlceras no caso de gestantes

CRISTA DE GALO: hemorragia, pneumonia, dor de ouvido

ABÓBORA: dor de ouvido

GOIABEIRA: diarreia, estômago, hemorragia causada pela extração do dente, hemorragias diversas

GOIABA DE ANTA: cólica diarreia e hemorragia dor na barriga

HORTELANZINHO: dor de barriga em crianças

JAMBO: anemia bronquite dor de estômago fígado dor de dente

JATOBÁ: anemia fraqueza tosse bronquite asma inflamação da próstata inflamação da bexiga dor nos rins carne crescida nos olhos

JERIMUM (ABÓBORA): verme, fortalecer os ossos,, dentes,, colesterol,, tirar mancha de pele, cicatriz, anemia fraqueza pulmonar diabetes e cicatrização de feridas ou será hematomas informação gripe dor nos rins lacre impinge herpes pano branco cicatrização de frieira caspa e seborreia

LARANJA: prisão de ventre estômago e má digestão e gripe febre e calmante

LIMÃO: gripe malvarisco tosse gripe bronquite asma

MAMÃO: verme congestão dor de estômago empaçamento expelir ameiba fígado e baço inchado

MAMONA: hemorróidas purgante e dor de cabeça manga gripe

MANGARATAIA (GENGIBRE): digestão tosse bronquite gripe dor reumática inflamação na garganta rouquidão

MANJERICÃO: dor no ouvido e problemas digestivos calmante

MARACUJÁ: calmante do sistema nervoso calmante de insônia de menopausa pressão alta e problema de coração

Por que a arte é importante para nós?

A arte significa muito para os povos indígenas. A arte está nas roupas, nas pinturas, nos artesanatos, nas danças, nas pinturas, em todo nosso modo de vida.

A arte é a expressão dos povos indígenas. Ela nos faz lembrar de quem nós somos e o que as coisas significam para nós.

A arte traz a união. É desenhando nossos grafismos e fazendo artesanatos que conversamos com os mais velhos e aprendemos sobre nossa cultura.

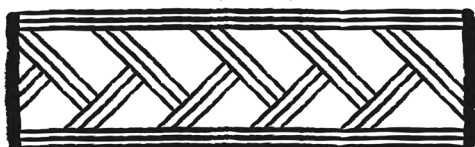
A arte gera renda por meio do artesanato e é totalmente conectada com a natureza.

Cada povo possui uma maneira de se expressar e produzir sua arte. Cada grafismo tem um significado e um valor diferente para nós. Cada ritual tem um uso de arte diferente. Cada grafismo indígena está relacionado a um código de comunicação ou um meio de concepção que um grupo indígena tem sobre outros indígenas e sobre espíritos.

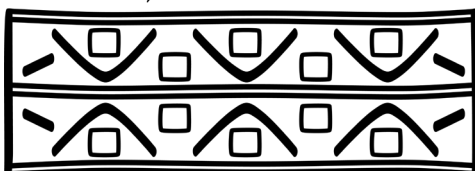
Os grafismos podem parecer simples para quem não entende, mas possuem grandes significados.

GRAFISMOS KAMBEBA

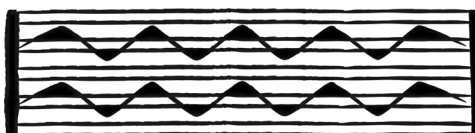
Símbolo para perna



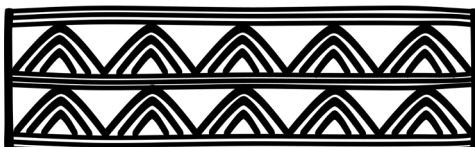
Símbolo para mulher e homem



Símbolo para o Casamento



Símbolo para mulher jovem solteira

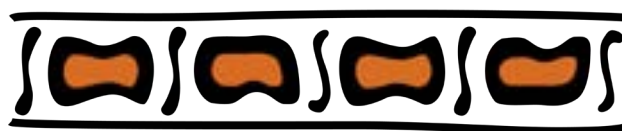


Símbolo Feminino

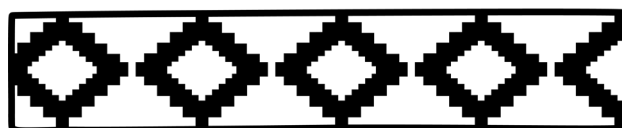


GRAFISMOS NHEGATU

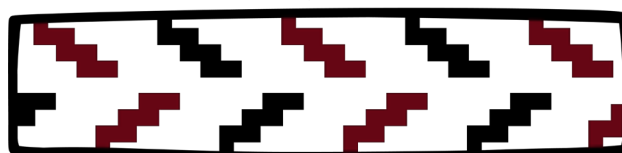
Animal felino



Pele da cobra (Boidae)



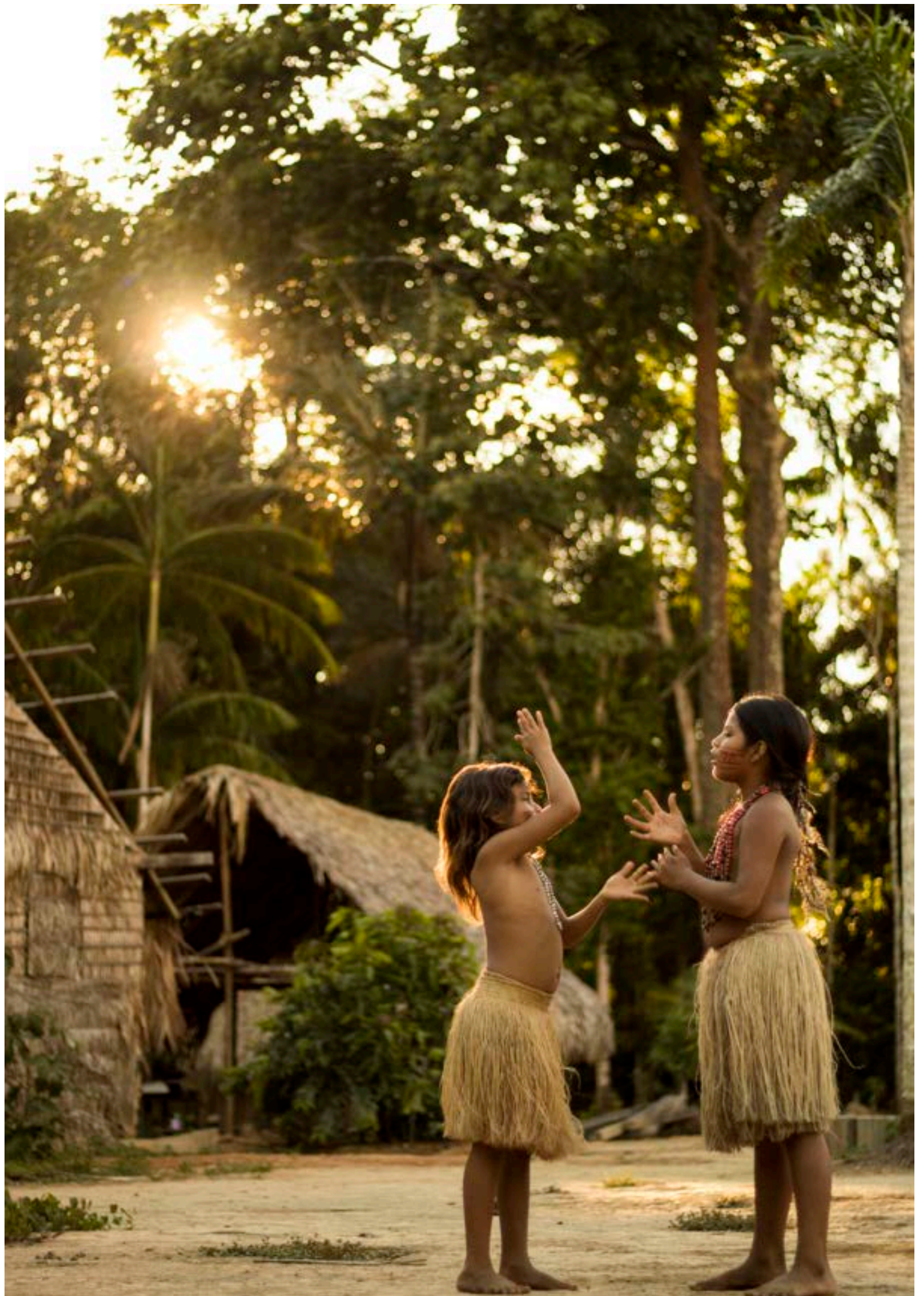
Açaí (Euterpe oleracea)



Ossos da cobra (Serpente)







CAPÍTULO 3

JUVENTUDES INDÍGENAS

"Queremos ser vistos como somos.

Somos jovens indígenas do baixo Rio Negro, buscando o bem-viver. Queremos que nos vejam e nos respeitem como somos, diferentes dos não indígenas.

Somos Kambeba, Baré, Apurinã, Tukano, Mundurucu, Sateré-Mawê, Tuyuka, Karapana, Dessana e Pira-tapuya. Guardiões e guardiãs da floresta Amazônica.

Já tentamos esconder nossa identidade por causa do preconceito. Hoje entendemos que nunca deixaremos de ser quem somos: indígenas.

Os outros é que precisam buscar entender que não vivemos como antigamente. Mudamos com o mundo mas não queremos perder nossas tradições.

Quem mais sofre com as consequências das mudanças climáticas somos nós. Por isso, queremos buscar conhecimento para ajudar o nosso povo.

Somos de povos e culturas diferentes mas temos o mesmo sonho: uma aldeia melhor e mais estruturada. É quem decide o que queremos ser somos nós: indígenas

Nosso maior privilégio é ser indígena."

- (Manifesto de Jovens Indígenas do baixo Rio Negro)

Este capítulo tem a intenção de apresentar nossos pensamentos como jovens indígenas sobre assuntos sensíveis a nós, aos nossos povos e às nossas aldeias.

Queremos ser ouvidos, lidos e levados em consideração. Que todos possam ver que temos muito o que contribuir com o futuro de nossas aldeias.

Estes textos foram escritos em São Gabriel da Cachoeira após o intercâmbio que fizemos com nossos parentes do alto Rio Negro. Eles nos ensinaram muito, nos mostraram muitas possibilidades de fortalecer nossos povos e de lutar por nossos direitos. Nos ensinaram também sobre a força que nós jovens temos.

Escrevemos este capítulo em reconhecimento a todos estes aprendizados. Queremos que nossas ideias e pensamentos possam despertar em cada um a força que vem da identidade, de fazer parte de um povo, de ser parte de um território, de lutar pelos nossos sonhos.

Identidade

Ser indígena é preservar e cuidar da floresta. É viver nossa cultura e saber falar a língua. É viver em harmonia com a natureza. É ter liberdade. É saber nossos direitos e lutar por nossas vidas e pela floresta. Ser indígena é ser forte e resistente.

Quando a gente entende isso, não tem como não ter orgulho de ser indígena. A história dos povos indígenas no Brasil é de muita luta pela vida.

Ao mesmo tempo, vivemos uma história muito sofrida nesses últimos séculos. Ficamos com cicatrizes bem profundas. Não só a gente, o Brasil todo carrega essas cicatrizes. E se a gente não aprender como curar essas cicatrizes, ou se ninguém ajudar a gente a curar, elas doem a vida inteira. É isso que afeta a vida de muitos jovens até hoje que não querem se reconhecer como indígenas.

Muitos jovens indígenas sentem vergonha de se afirmar como parte de seus povos. Isso é muito comum aqui na nossa região, principalmente quando nossos parentes vão para cidade. Começam a sentir vergonha de ser quem são, e querem deixar de falar a língua, de ser indígena. Mas isso não acontece por acaso.

Sofremos muito bullying e chegamos até a ter medo de apanhar na rua só por sermos indígenas. Os preconceitos antigos contra os povos indígenas ainda estão vivos na mente de muitas pessoas, até o presidente do nosso país fala muitas dessas coisas horríveis contra nós.

Tudo isso vai deixando nossa estima muito baixa. Têm alguns jovens que até se matam. Infelizmente, o suicídio vem sendo um questão muito difícil entre nós jovens indígenas. Por isso tem jovem que prefere acreditar que não é indígena, para não sofrer essas coisas.

Queremos falar para aqueles e aquelas jovens que ainda sentem vergonha de se afirmar indígena: a gente nunca pode ter vergonha de quem somos. Temos que nos valorizar, ter orgulho de nossos parentes, de nossos antepassados. Tudo que eles fizeram foi muito bonito e honroso, com muita luta, muito suor. Tá cheio de branco que queria ser índio hoje em dia!

Precisamos saber de nossas raízes para lutar pelos nossos direitos. Temos que conhecer, aprender, ter conhecimentos para poder ajudar nossos povos. Temos que nos reconhecer, nos afirmar como indígenas e nunca ter vergonha de ser quem somos.

E que fique marcado aqui pra todos não indígenas que ainda carregam preconceitos e que estão tendo a oportunidade de ler esse caderno: índio não é preguiçoso, lugar de índio é onde ele ou ela quiser e não tem muita terra para poucos índios. Sabemos que nem todos os brancos são iguais. Tem aqueles que querem que a gente morra e que a floresta acabe, mas tem aqueles que estão do nosso lado na luta pela vida. Queremos convidar aos que não conhecem a gente que procurem saber mais sobre os povos indígenas, que venham passar uns dias em nossas aldeias e comer da nossa comida. Tenho certeza que um branco que faz isso poderá entender melhor o que dizemos.

Outra coisa importante de entender é que cada jovem indígena é de um jeito, não somos todos iguais. Mas temos muito em comum. Somos os povos originários, que sempre estiveram aqui na floresta, cuidando, vivendo e protegendo a mata e os rios. Temos ancestrais que viveram toda sua vida em harmonia com a natureza, aprendendo com a escola da floresta. Temos novas oportunidades que nossos antepassados não tiveram. Temos muita força e energia para contribuir com qualquer atividade, nosso corpo é novo e ainda aguenta bastante tempo. Por isso, temos muita chance de contribuir e fazer a diferença pelo futuro de nossos povos e nossas aldeias.

Hoje temos acesso a escolas e universidades, mas sabemos que devemos estar sempre aprendendo com os mais velhos, indo para reuniões da aldeia, participando das festas tradicionais e sabendo de nossos direitos. Temos sempre que valorizar os conhecimentos tradicionais de nossos antepassados.

Temos que saber sobre nossa cultura e não se deixar abater com preconceitos. Nunca deixar de praticar nossa cultura, mesmo se formos morar na cidade e estudar na faculdade. Não podemos deixar esses lugares mudarem quem somos, o que temos que fazer é mudar esses lugares para nos aceitarem como nós somos, indígenas.





PROTAGONISMO JOVEM E PARTICIPAÇÃO - Jovens vem ganhando maior protagonismo no mundo inteiro. No mundo indígena não é diferente. Nossas culturas anteriormente não tinham o conceito de jovem, mas assumimos, ao nosso modo, esta ideia nas últimas décadas. Agora estamos sendo convidados para participar de espaços de tomadas de decisão em nossas aldeias, para apresentar nossas opiniões e nossos sonhos. E isso nos traz novas responsabilidades.

Atualmente, a juventude tem um papel fundamental na luta por direitos. Como juventude devemos sempre lutar e estar junto de nosso povo, dando força para os mais velhos que estão à frente da aldeia e mantendo nossas culturas. Precisamos saber quais são nossos direitos, para poder lutar por eles e repassar para nossos parentes. Precisamos também participar do movimento indígena, para ter todas as informações que precisamos para nos defender e lutar, para assim levar pra frente o que nosso povo já vem conquistando na luta por nossos direitos.

Mas acima de tudo, temos a responsabilidade de incentivar outros jovens e outras jovens a se afirmarem como indígenas. Para isso, devemos conhecer nossa cultura, valorizar nossas raízes e lutar por nossos povos.

Devemos convidar todos para participar de reuniões, encontros e assembleias para poder adquirir conhecimentos para suas aldeias. E também não podemos ficar de fora do movimento indígena. Ele é o principal instrumento que temos hoje para buscarmos nossos direitos.

No entanto, sabemos que ainda existem adultos em nossas aldeias e fora delas que não nos consideram importantes. Ainda nos veem como crianças, dizem que não temos como contribuir com a melhoria de nosso território. Eles estão enganados. Gostaríamos que eles acreditassem em nós e em nosso potencial de liderança. Que eles possam sempre nos apoiar, para juntos buscarmos melhorias para nossas aldeias.



União dos povos

Somos jovens de diferentes povos indígenas, mas os sonhos, os objetivos são iguais. O principal deles é a luta por nossos direitos como povos indígenas. Precisamos nos manter unidos para defender o que já conquistamos como direito.

Temos que estar unidos sempre. Precisamos estar firmes, persistentes para nunca desistirmos de lutar, principalmente para conquistar nossos direitos.

Tem uma frase que nós jovens usamos muito que é: “a união faz a força”. Acreditamos nisso e continuaremos caminhando lado a lado com nossos parentes.

IGUALDADE DE GÊNERO E MULHERES NO PODER

As mulheres vêm assumindo um lugar de protagonismo no mundo todo. Dentro de muitas aldeias e do movimento indígena isso também acontece.

Por isso, temos falado muito de igualdade de gênero em nossos territórios. Isso é muito importante para que as mulheres indígenas assumam cada vez mais os espaços de decisão, sejam ouvidas e atendidas pelo próprio movimento indígena e pelo poder público. Estamos mostrando que podemos estar em todos os cargos, defendendo os direitos das mulheres. Só assim conseguiremos dar visibilidade à voz de todas as mulheres.

A participação da mulher indígena é importante não apenas para as mulheres, mas para as aldeias e para

o movimento indígena como um todo. Isso porque quando as mulheres indígenas se reúnem não falam apenas de questões ligadas diretamente às mulheres. Falamos de nossas famílias, de nossos filhos, de nossas aldeias.

É muito importante que possamos nos unir para lutarmos juntos, não importa se somos de culturas diferentes, não importa se é homem ou mulher, criança ou jovens. O que realmente importa é que estamos juntos lutando por um único propósito. E nós mulheres estamos cada vez mais fortes.

Nem sempre esse processo é fácil pois ainda vivemos desafios muito grandes. Primeiro, o simples fato de ser mulher indígena já faz com que tenhamos que enfrentar tudo: preconceito, machismo, violência e outras coisas piores. Mas estamos lutando para mudar isso.

Precisamos ter mais mulheres em cargos representativos dentro e fora do movimento indígena. Precisamos mudar os pensamentos de alguns homens. A mulher não tem que ficar só em casa cuidando dos filhos, temos que ter nosso trabalho, nossas organizações e nossos projetos.

Portanto temos que conquistar nossos espaços onde podemos mudar os pensamentos da sociedade. Temos que fazê-los entender que podemos fazer a diferença como mulheres líderes. Sabemos que não vai ser fácil conquistar tudo isso, mas nunca vamos baixar a cabeça. Vamos continuar firmes e fortes. #MulheresNoPoder.



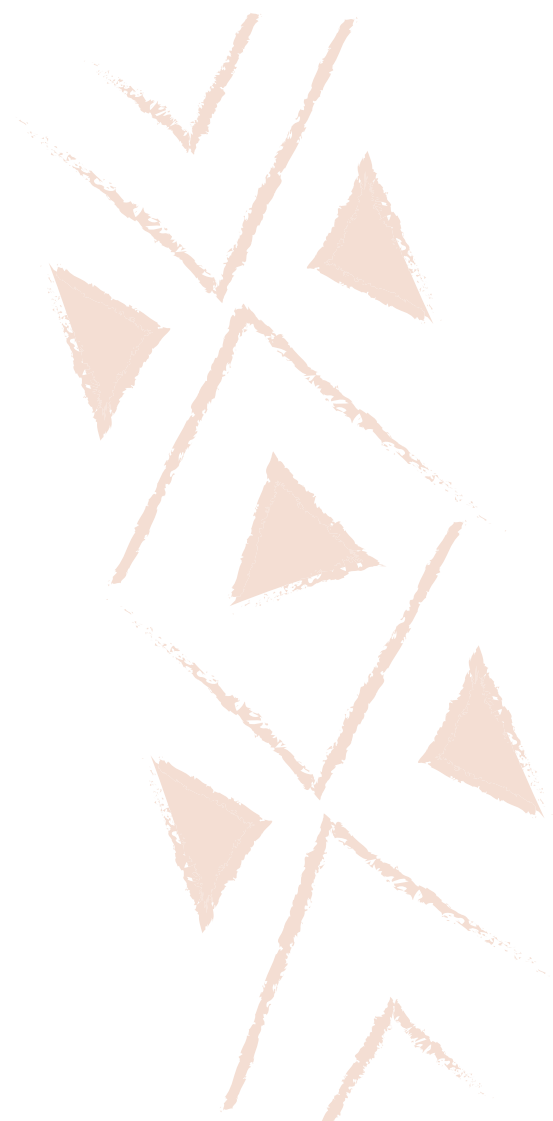
Direitos

Há muito tempo os povos indígenas têm lutado por seus direitos. Com a Constituição Federal de 1988 tivemos nossos direitos reconhecidos pelo Estado brasileiro, nos artigos 231 e 232. Mas estes direitos nem sempre são conhecidos por nós, e muito menos praticados pelos agentes do poder público.

Temos direito aos nossos territórios, à uma educação diferenciada que considere nossas culturas, ao fortalecimento e conservação de nossas próprias políticas e instituições jurídicas, econômicas, sociais e culturais.

Saber dos direitos e das políticas públicas já conquistados ajudam os povos indígenas a lutar para que eles não sejam apenas palavras escritas e passem a ser projetos nas aldeias.

É cada vez mais importante que jovens indígenas saibam de seus direitos para fortalecer sua identidade, sua cultura e suas tradições. Conhecer nossos direitos nos ajuda a buscar igualdade social sem medo de ser discriminado.





Educação e saúde

Ter uma saúde diferenciada para os povos indígenas é valorizar os conhecimentos tradicionais de cada povo. É valorizar os conhecimentos sobre plantas medicinais que curam, é valorizar as crenças de diversos povos, é valorizar nossas culturas.

Na educação é a mesma coisa. É importante valorizar o que é tradicional e aprender o que é de fora. Isso que é educação intercultural. Devemos valorizar a língua indígena, a música, as histórias e tradições, ao mesmo tempo aprender o português e os conhecimentos do branco.

Quando você aprendeu inglês, virou americano?

Quanto mais conhecimento melhor. Não precisa ficar com medo que a gente deixe de ser índio.



Terra e território

Entre todos nossos direitos, o direito à terra é o principal. Cuidamos da natureza, plantamos, colhemos e preservamos.

Atualmente o governo quer acabar com as terras indígenas, mas eles não perceberam que somos nós quem protegemos a biodiversidade do planeta.que Nós somos os principais agentes contra as mudanças do clima.

A terra e o território são extremamente importantes para nós indígenas pois é na terra e dentro dos nossos territórios que praticamos o bem-viver. As plantações, as colheitas, o convívio, o lazer, as práticas tradicionais, a cultura, a arte e os grafismos. É no território que os povos indígenas constituem suas famílias e produzem alimentos para seu sustento.



Bem viver e sonhos

O bem viver para nós é a convivência em união, o trabalho coletivo, as formas diferenciadas de convívio em relação a valorização das práticas tradicionais e culturais. São as coisas tradicionais e culturais que fazem parte do dia-dia.

O bem viver está na união da aldeia em todo final de semana estarem juntos para comer as comidas tradicionais no centro comunitário e para resolver assuntos relacionados à aldeia.

O bem viver também está relacionado na união do trabalho na comunidade, na preservação da limpeza, no preparo das comidas típicas, como beiju, kinhapira, mujeka para comunidade.

No esporte, é praticar nossos jogos e brincadeiras tradicionais. Na saúde, valorizar nosso conhecimento com as plantas medicinais e sabedoria dos pajés. A nossa relação com a terra, o trabalho na roça, a caça, a pesca, tudo isso faz parte do bem viver dos povos indígenas. E a participação de todos: crianças, jovens, adultos e anciãos nesse ciclo da vida.

Muito se fala em desenvolvimento sustentável hoje em dia. Mas para nós isso é o bem viver. Se nós não mantermos esse nosso modo de vida, nada se sustenta por aqui. Por isso quando nos convidam a pensar sobre nossos sonhos, sobre o futuro de nossas aldeias, sempre temos o bem viver em mente.

Que o bem viver possa ser sempre repassado para todas as gerações e que possamos viver em harmonia com as tradições e a modernidade.

MODERNIDADE Estamos no século XXI e onde moramos também existe o mundo da tecnologia. Quase todos tem celular, computador ou qualquer outro tipo de aparelho eletrônico. Todos queremos ter acesso a internet para nos comunicarmos e sabermos o que está acontecendo no mundo.

Sabemos que mundo é dinâmico. Ele não pára e nós indígenas também não temos que parar. Nem por isso vamos deixar de sermos quem somos. Podemos usar celular, vestir roupas e acessórios dos branco, mas nunca vamos deixar de ser indígenas.

Toda essa tecnologia tem seu lado bom e seu lado ruim. Usar para o lado bom é se comunicar, se articular, fazer pesquisas para saber como são as políticas públicas para povos indígenas e estudar para saber quais são nossos direitos. Aqui em nossa região temos um grupo de whatsapp que só pode falar na língua indígena, procuramos aplicativos que tenham a língua indígena.

Muitos dizem que a chegada de internet nas aldeias vai trazer apenas coisas ruins, principalmente para os jovens e as jovens. Mas isso não é necessariamente verdade. Muitos jovens, como nós, estão usando a modernidade a nosso favor, para nos fortalecer enquanto indígenas.

Além disso, precisamos estar preparados para nos defender e a comunicação será muito útil nesse processo. Por isso, aproveitamos para convidar a todos para seguir nossa página no Instagram @jovens_indigenas_amazonia.

ENCERRAMENTO

Sei que a caminhada de nós jovens indígenas não é tão fácil, mas também não é tão difícil. O recado que tenho para deixar como jovem indígena é que não tenha medo ou vergonha de dizer para o mundo quem você é, acredite no teu potencial, nos teus sonhos e principalmente acredite em você.

Todo jovem tem o seu potencial, acredite nele. Eu sei que você é capaz de fazer a diferença. Você pode superar o teu medo e vergonha, assim como eu superei. E sempre busque conhecer mais a cultura, a tradição e seus direitos como indígena, para que você possa lutar por eles, por todos os povos indígenas que existem no mundo.

Não desista de ser quem você é e não tenha vergonha de se afirmar como indígena, porque nós jovens somos o futuro e o agora. Não podemos deixar acabar com nossas culturas, nossos costumes, nossas tradições. Vamos continuar lutando para que nada que nossos pais, mães, avôs, avós e antepassados lutaram tanto para conquistar acabe.

Nós temos que estar unidos e organizados. Nós jovens somos a força dos líderes. Eles lutam para dar o melhor pra gente, e nós temos que fazer nossa parte e não deixar a cultura morrer.

Juntos somos mais fortes! E não importa se somos de etnias diferentes, se temos costumes diferentes, precisamos estar juntos para garantir o que é nosso por direito!

Agradecimentos

Agradecemos profundamente a todos que contribuíram para tornar este livro realidade. Foi um trabalho longo, feito à muitas mãos.

Agradecemos aos anciãos e anciãs que nos ensinaram tanto nestes últimos tempos. Sempre levaremos suas palavras conosco.

Agradecemos a todos e todas indígenas que caminharam antes de nós, que resistiram para que nós pudéssemos seguir vivos e com nossa cultura.

Agradecemos à floresta amazônica, por nos proporcionar conhecimentos, casas, alimentos, remédios e mais importante de tudo, por ser nosso território.



